

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AS RELAÇÕES TOPOFILICAS NA VILA DO IAPI EM PORTO ALEGRE

LETÍCIA MARIA BARBOSA

ORIENTADOR: PROF. DR. NELSON REGO

PORTO ALEGRE, ABRIL DE 2008.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

AS RELAÇÕES TOPOFILICAS NA VILA DO IAPI EM PORTO ALEGRE

LETÍCIA MARIA BARBOSA

Orientador: Prof. Dr. Nelson Rego

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Dário de Araújo Lima/FURG

Prof. Dr. Luiz Fernando Mazzini Fontoura/PPGGEA/UFRGS

Prof. Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares/PPGGEA/UFRGS

**Dissertação apresentada
ao Programa de Pós-
Graduação em Geografia
como requisito para
obtenção do título de
Mestre em Geografia.**

PORTO ALEGRE, ABRIL DE 2008.

Barbosa, Letícia Maria

A Topofilia na Vila do IAPI, Bairro Passo D'areia, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil / Letícia Maria Barbosa - Porto Alegre : UFRGS/PPGEA, 2007.

[117] f. il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS - BR, 2007.

1. Geografia. 2. Topofilia. 3. Vila do IAPI. 4. Bairro Passo D'areia, Porto Alegre, RS. I. Título.

Catálogo na Publicação
Biblioteca Geociências - UFRGS
Renata Cristina Grun CRB10/1113

“Renascemos como uma semente com um potencial, procurando circunstâncias favoráveis para amadurecer. Desta maneira, a semente produzirá efeito”. (Dr. Paulo Neves)

Aos meus anjos da guarda. A Luiz Pascoal Barbosa e Terezinha, meus pais, com todo o meu amor.

Em memória de Kauany Barbosa Soares, que me ensinou o significado de abnegação e amor incondicional. Em memória de Pedro Getulio Natel, com carinho, pelos longos anos de convivência e amizade, a quem agradeço por ter me ensinado a amadurecer.

AGRADECIMENTOS

O período de elaboração desta dissertação marcou a aprendizagem intelectual e dedicação ao conhecimento do objeto, percebendo-o através de outro enfoque que não o de minha formação, além de confrontar diálogos com as idéias de outros e, especialmente, com minhas próprias limitações.

Tentar enumerar todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, no processo de realização deste trabalho envolve, sem dúvida, assumir o risco de cometer-se injustiças. Espero, portanto, que os não mencionados se sintam contemplados através daqueles que o são e acreditem que a gratidão da autora é maior do que a sua memória.

Agradeço a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, universidade pública e gratuita, e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Ao meu orientador, professor Nelson Rego, pelo apoio e orientação recebida durante o curso, traçando o meu entender geográfico de maneira suave, voltado à construção humana.

Ao Laboratório de Pesquisas em Geodésia (LAGEO), coordenado pelo professor Sérgio Florêncio de Souza.

A Michele Monguilhott, pela confecção dos mapas.

Aos professores Álvaro Luiz Heidrich, Tânia Marques Strohaecker, Paulo Roberto Rodrigues Soares, pelos empréstimos bibliográficos.

A Roberto Martins Pereira e Denise de Almeida, pela cumplicidade e amizade.

A Elen Marten de Lima, pelo carinho, amizade e auxílio na formatação do trabalho.

A Zila Braga Rangel Natel, pelo apoio e incentivo desde os primeiros passos de minha vida acadêmica.

Ao Philip Uandê Barbosa Natel, meu filho, pelos momentos de descontração e amor.

Aos meus onze sobrinhos.

A Marieta Sirlei Rodrigues Barbosa, minha “boadrasta”, pelas palavras carinhosas.

Ao Dr. Luiz Pascoal Barbosa, meu pai e meu exemplo.

Aos meus irmãos Leilane, Leiriane, Leigiane, Leonardo e Loraine, “amores de doer”.

RESUMO

O objetivo principal desta dissertação é refletir sobre as relações topofílicas na comunidade da Vila do IAPI, Bairro Passo D'Areia, Porto Alegre, RS, e efetivar um estudo de valores das ligações afetivas, ontem e hoje, com a identificação dos moradores ao lugar. As relações topofílicas foram pesquisadas através de documentos, fotos, matérias de jornais e depoimentos de moradores e ex-moradores da Vila. As coletas evidenciam as relações experienciadas no dia-a-dia dos moradores e as representações simbólicas abordadas pelo aspecto afetivo. Foram pesquisados os fatos que determinaram a expansão da indústria para a zona norte da cidade de Porto Alegre e a necessidade da criação de uma vila operária. A Vila do IAPI é caracterizada como área de interesse cultural para a cidade de Porto Alegre pela sua arquitetura e pelo seu valor histórico. Os dados coletados são mediados pela imaginação e por sentimentos e representações simbólicas na construção da cultura e identidade dos indivíduos do lugar.

Palavras-chave: geografia, topofilia, Vila do IAPI, Bairro Passo D'areia, Porto Alegre, RS.

ABSTRACT

This dissertation main objective is to think about the relationship in “ Vila do IAPI” community, in Passo D’Areia neighborhood, Porto Alegre – RS, and to make a study on the values of affective connection, yesterday and today with the residents’ identification to the place. The toponymic relationship was searched through documents, as photos, newspapers reports and the village residents’ testimonials. The data collection shows the relationship experienced in the day-to-day residents’ lives and the symbolic representation through the affective aspect. The facts that led the industry expansion to the North area of POA were researched as well as the need of creating a workers’ village. “Vila do IAPI” is known as a cultural area of interest to POA city due to its architecture and historical value. The collected data are mediated by the imagination, feelings and symbolic representation in the culture and identity construction of the people’s place.

Keywords: geography, toponymia, Vila do IAPI, Passo D’areia neighborhood, Porto Alegre, RS.

LISTA DE FOTOS

FOTO 1 – Enchente de 1941, na cidade de Porto Alegre	18
FOTO 2 – Prédio de dois pavimentos na Avenida Plínio Brasil Milano	26
FOTO 3 – Prédio de dois pavimentos na Viela São Braz	26
FOTO 4 – Antigo prédio de atendimento dos operariado da indústria	27
FOTO 5 - Prédio de dois pavimentos na Praça dos Gusmões	28
FOTO 6 – Detalhe da Praça dos Gusmões	28
FOTO 7 - Prédio com grades na Avenida Plínio Brasil Milano	28
FOTO 8 - Prédio com grades e portão de ferro na Rua Veranópolis	28
FOTO 9 - Avenida Brasileiro Índio de Moraes na década de 70	32
FOTO 10 – Detalhe da Avenida Brasileiro Índio de Moraes	32
FOTO 11 - Rua Dom Pedrito, localizada na parte alta da Vila	34
FOTO 12 – Prédio de três pavimentos localizado na Avenida Brasileiro Índio de Moraes	34
FOTO 13 – Viela da Avenida Brasileiro Índio de Moraes	34
FOTO 14 – Viela da Rua Vicente Palotti	34
FOTO 15 – Escadaria da Rua Rio Pardo	35
FOTO 16 – Escadaria da Praça dos Gusmões	35
FOTO 17 – Viela da Rua Vicente Palotti com passagem para a Avenida Assis Brasil	36
FOTO 18 - Avenida Plínio Brasil Milano em diferente nível	36
FOTO 19 – Jovens confraternizando na Rua Dom Pedrito, ano de 1968	48
FOTO 20 – Foto de família no pátio do Colégio Estadual Gonçalves Dias	49
FOTO 21 – Desfile de 7 de Setembro na Avenida dos Industriários, ano de 1970	50
FOTO 22 – Desfile de 7 de Setembro na Avenida dos Industriários,	

ano de 1980	50
FOTO 23 – Monumento do Obirici, localizado no viaduto de mesmo nome	51
FOTO 24 – Viela São Braz	70
FOTO 25 – No detalhe da Viela São Braz , o contraste entre o velho e o novo	70
FOTO 26 - Praça Província de Shiga, localizada na esquina das avenidas Cristóvão Colombo e Plínio Brasil Milano	73
FOTO 27 – Largo Elis Regina, na Rua Rio Pardo	74
FOTO 28 – Estádio Alim Pedro, ano de 1953, aproximadamente	76
FOTO 29 – Estádio Alim Pedro, ano de 2007	76
FOTO 30 – Praça Chopin, ano de 1953, aproximadamente	77
FOTO 31 – Praça Chopin, ano de 2007	77
FOTO 32 – Área de lazer do Estádio Alim Pedro	78
FOTO 33 – Praça Chopin, localizada na Rua Pistóia; no detalhe, a tartaruga e os peixes	79
FOTO 34 – Pista de “skate” localizada próxima às Avenidas Plínio Brasil Milano e Cristóvão Colombo	81

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – Mapa de localização do bairro Passo D’Areia, Porto Alegre, RS, Brasil	3
MAPA 2 - Limites do Bairro Passo D’Areia, detalhe do IAPI	33
MAPA 3 - Vila do IAPI cercada por importantes vias de ligação	35
MAPA 4 – Limites do IAPI, setorização	15
MAPA 5 - IAPI, principais áreas verdes	75

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Poema de Waldemar Castro exaltando a Vila do IAPI	46
FIGURA 2 - “Passa-passará”, brincadeira de rua	60

FIGURA 3 – “Pula sapata”, brincadeira de rua	60
FIGURA 4 – “Dona Maria”, figura do imaginário social	61
FIGURA 5 – “Seu Polaco”, figura do imaginário social	61

LISTA DE QUADRO

QUADRO 1 – Quadro comparativo da população das quinze maiores cidades do Estado à época da inauguração da Vila do IAPI	21
--	----

LISTA DE PLANTAS

PLANTA 1 – Planta da zona central da Vila do IAPI	24
PLANTA 2 – Projeto final do Conjunto Residencial Passo D’Areia	25

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	1
2 ALGUMAS ÂNCORAS TEÓRICAS	4
3 METODOLOGIA	12
4 COMO SURTIU E SE PRESERVOU A VILA DO IAPI	
4.1 Contextos e eventos que marcaram a expansão urbana de Porto Alegre entre os anos de 1930 e 1950	16
4.2 Resumo dos 82 anos da história da previdência	19
4.3 O Conjunto Residencial Passo D'Areia	20
5 A SIMBOLOGIA NA VILA DO IAPI – CARACTERÍSTICAS ESPACIAIS	38
6 AS RELAÇÕES TOPOFÍLICAS	
6.1 Os moradores da Vila do IAPI – ontem e hoje	53
6.2 As relações topofílicas e as áreas de lazer	69
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
9 ANEXOS	90

1. APRESENTAÇÃO

Neste trabalho, pretende-se refletir sobre as relações topofílicas na comunidade da Vila do IAPI, Bairro Passo D'Areia, Porto Alegre, RS, Brasil (mapa 1). Para tanto, contextualizaram-se as modificações ocorridas nesta área e suas conseqüências no cotidiano dos moradores, buscando-se efetivar um estudo das representações afetivas, ontem e hoje, com a identificação dos moradores ao lugar.

Foram feitos levantamentos acerca da definição do lugar como área de interesse cultural e das questões relacionadas à criação do Conjunto Residencial Passo D'Areia no processo de urbanização/industrialização na cidade de Porto Alegre.

Avaliaram-se as questões relacionadas à qualidade de vida oferecida pelo lugar, na perspectiva dos moradores, e a sua preservação.

A forma de vida da população atualmente é diferente daquela de 20 ou 30 anos atrás. Os grandes espaços públicos e o planejamento para moradias que contemplem espaços com áreas verdes e de lazer em grande quantidade são raros. Neste aspecto, a Vila do IAPI é privilegiada e difere de outros bairros de Porto Alegre.

A escolha da Vila do IAPI como área de estudo se deu, sobretudo, por se tratar de um modelo de projeto bem-sucedido que visava a atenuar os problemas gerados pelos conflitos sociais advindos do processo de industrialização/urbanização. Getúlio Vargas criou o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e, no decorrer da década de 1930, os Institutos de Aposentadoria e Pensões, a ele vinculados. Os IAP's teriam como função atender os trabalhadores na área de Previdência Social, aí incluída a busca de solução para o problema da habitação.

Visto como um conjunto habitacional modelo, no decorrer dos anos a Vila do IAPI deixou de ser uma Vila de periferia para transformar-se em um novo bairro.

Pode-se perceber, neste estudo, que na Vila do IAPI os espaços ocupados para o lazer se readequaram, devido à necessidade de segurança, e, conseqüentemente, criaram-se grupos determinados pelo espaço físico apresentado. Hoje em dia, em cada grupo de prédios ou conjunto de casas, há grupos distintos de moradores, enquanto que nos primeiros anos de ocupação desta área os espaços eram mais abertos, portanto as relações de conhecimento se ampliavam. A mudança da estrutura original, a busca por

segurança e as modificações do ambiente natural devem ser consideradas neste estudo nas relações topofílicas.

Nesta dissertação de mestrado estudam-se aspectos voltados à geografia cultural, considerando a diversidade das representações e dos valores que afirmam o reconhecimento e a constituição de coletividades.

Na apresentação estão os objetivos principais e específicos do estudo.

A estrutura básica é composta por um capítulo introdutório, cuja finalidade é apresentar de forma sucinta os referenciais teóricos que incluem Yi-fu Tuan e Paul Claval. O primeiro envolve estudos relativos a *topofilia*, e o segundo traz elementos da geografia cultural. No seguimento, é apresentado o estado-da-arte em relação aos aspectos topofílicos abordados neste estudo com ênfase na geografia cultural. São discutidas as significações do papel da ação humana sobre a superfície terrestre e é apresentada uma discussão de alguns autores voltados a este estudo.

Mostra-se o contexto histórico e geográfico no qual surgiu a Vila do IAPI, destacando-se quem foi beneficiado neste projeto habitacional, suas delimitações, a arquitetura, pontos principais.

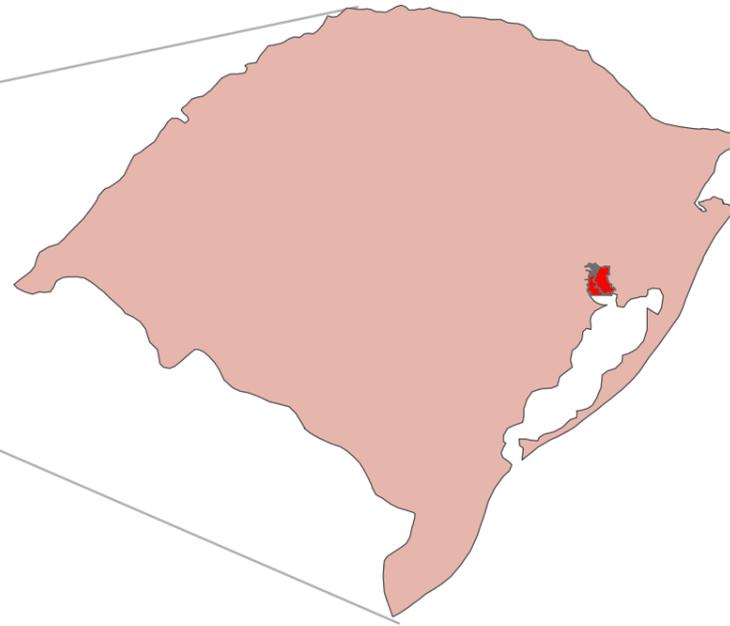
A metodologia utilizada nos dados obtidos baseou-se em uma pesquisa qualitativa de suporte para o levantamento de hipóteses ou questões que levaram a autora a ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural do qual faz parte.

O detalhamento da área de estudo, delimitado através do uso de GPS, destaca pontos onde foram coletados os dados (entrevistas) e as áreas de lazer. Com base nessas entrevistas, destacaram-se as relações topofílicas de moradores e ex-moradores da Vila do IAPI e das áreas de lazer, ontem e hoje.

Nas considerações finais, é apresentado o resumo dos principais pontos da dissertação.

Mapa de Localização do Bairro Passo D'Areia

Porto Alegre - RS - Brasil



Escala

2. ALGUMAS ÂNCORAS TEÓRICAS

A utilização, com coerência, de alguns referenciais foi necessária para a realização da leitura teórica do empírico. Privilegiou-se a verticalidade dessa relação, sobretudo com Tuan, e não a multiplicidade de referenciais que seriam possíveis. Isso inclusive em função do tempo. Não que a multiplicidade não seja importante, mas os recortes da pesquisa, em função do tempo, foram obrigados a privilegiar alguns aportes considerados fundamentais.

A visão que se tem de mundo está referenciada no que faz parte de nossas vidas, nos valores e nas percepções deste meio vivido. O referencial teórico inicial deste trabalho está na obra *Topofilia*, de Yi-fu Tuan. Serão estudadas as relações dos moradores com a Vila do IAPI e como estes procuram preservar o lugar dos agentes externos.

São fundamentais os conceitos de Tuan sobre percepção, atitudes e valores ou visão do mundo. Percepção é tanto a resposta aos estímulos externos como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que se percebe tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. Atitude é primeiramente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. As atitudes implicam experiência e uma certa firmeza de interesse e valor. Visão de mundo é a experiência conceitualizada. Ela é parcialmente pessoal, em grande parte social. É uma atitude ou sistema de crenças. A palavra sistema implica que as atitudes e crenças estão estruturadas, por mais arbitrárias que as ligações possam parecer, sob uma perspectiva impessoal (objetiva). Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Segundo Tuan, **difuso como conceito vívido e concreto como experiência pessoal.**

Outra obra de Tuan, *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, é utilizada para discutir-se o que a Vila do IAPI deixa na experiência humana com relação a sua identidade, símbolos, localizações, movimentos e tempo que fizeram deste lugar um

lugar importante dentro da história de Porto Alegre ontem e a validade destes mesmos valores na atualidade.

Para refletir-se sobre as relações entre cultura e meio, buscou-se suporte na coleção intitulada Geografia Cultural, nos volumes: 1) *Matrizes da geografia cultural*; 2) *Paisagem, imaginário e espaço*; 3) *Manifestações da cultura no espaço*.

Corrêa (1999) considera que o ressurgimento da geografia cultural se faz num contexto pós-positivista e vem da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica. A dimensão cultural torna-se necessária para a compreensão do mundo.

Claval (1999) comenta que parece impossível estudar a geografia de uma cidade, de uma região ou de um país sem se interessar pelas pessoas que os povoam. A experiência que as pessoas têm do mundo repousa sobre seus corpos e sobre a maneira como elas o concebem e utilizam. É através dos sentidos que os homens apreendem o mundo.

O olhar dos homens sobre seu ambiente traduz suas experiências. Poder-se-ia dizer que a identidade da Vila do IAPI está moldada em uma construção simbólica? Para se ter um símbolo, necessita-se de um referencial concreto. Pode-se considerar que a totalidade simbólica do IAPI construiu sua identidade.

Haesbaert (1999), ao tratar a questão da identidade social, reforça que identificar, no âmbito humano-social, é sempre *identificar-se*, um processo reflexivo, portanto, e identificar-se é sempre um processo de identificar-se *com*, ou seja, é sempre um processo *relacional*, dialógico, inserido numa relação social. Além disso, como não se encara a identidade como algo dado, definido de forma clara, mas como um movimento, trata-se sempre de uma *identificação* em curso, e, por estar sempre em processo/relação, ela nunca é una, mas *múltipla*.

Considerando-se que as relações de indivíduos ou grupos com o meio com o qual estão envolvidos e com o espaço no qual estão inseridos respondem a finalidades variadas, Claval (2001) refere-se a algumas finalidades: proteger-se do meio e dele extrair a energia, os alimentos e as matérias-primas das quais necessitam (é o registro do que é útil); afirmar seu ser social por meio das redes de que participam (é o registro propriamente social); construir sua identidade por meio do sentido dado às coletividades às quais estão ligados e aos lugares que elas habitam (é o registro psicossocial);

interrogar-se sobre o significado da presença humana no mundo e no cosmos, da natureza, da sociedade e das paisagens por meio das quais essas entidades se exprimem.

Na Vila do IAPI, a paisagem, representada por diversas áreas verdes, está repletas de significações.

Segundo Melo (2001), uma importante contribuição à análise da paisagem na perspectiva da geografia cultural é a metáfora da cultura e da paisagem como um texto.

Gomes (2001) aborda que a paisagem evoca significados a partir dos signos e valores atribuídos. Esses signos assumem amplo espectro de propriedades e escalas numa grande semântica própria.

Nesta perspectiva não se pode deixar de considerar que os fatores agregados a topofilia, na Vila do IAPI, estão ligados às representações reproduzidas nos relatos de vivência no lugar. Este valor positivo captura expressões traduzidas por seus moradores que verbalizam o cotidiano, o lugar e as lembranças tendo como elemento desta afetividade a natureza circundante.

Fischer (s/d) afirma que uma outra forma de compreender a relação no espaço ocorre a partir da maneira como o homem utiliza um lugar, como o trata afetiva e cognitivamente. Trata-se de um espaço vivido, ou seja, investido por uma experiência sensório-motora, tátil, visual, afetiva e social que produz, através das relações estabelecidas com ele, um conjunto de significações carregadas de valores culturais próprios. Nesta relação, o espaço arquitetônico não se reduz às suas propriedades materiais: ei-lo estruturado como uma linguagem que comunica uma mensagem sobre os seus ocupantes, sobre suas funções; um edifício será então apreendido e avaliado como a encenação de uma espécie de biografia social de uma instituição e dos habitantes que o ocupam, do bairro em que se situa. Neste sentido, um espaço conta sempre uma história: individual e social; diz do grupo e ao grupo qual é a sua maneira de viver, de habitar, de trabalhar, de viver socialmente num lugar. A compreensão da relação no espaço como experiência vivida traz um esclarecimento complementar, mostrando que os lugares estão carregados de significados ligados às representações sociais que deles se fazem.

Claval(1999), referindo-se à crítica epistemológica pós-moderna, considera que os homens, os grupos e os lugares são realidades variáveis, construídas em um momento e em um local precisos. Sua natureza é, ao mesmo tempo, material, histórica e

geográfica. Para todos aqueles que aceitam a crítica pós-moderna, a cultura designa o conjunto de *savoir-faire*, de práticas, de conhecimentos, de atitudes e de idéias que cada indivíduo recebe, interioriza, modifica ou elabora no decorrer de sua existência. De uma geração a outra os conteúdos mudam, uma vez que o meio físico se modifica e é apreendido, explorado, organizado ou examinado com novos meios. Cada um evolui em uma esfera que lhe é particular, feita de parentes, vizinhos, amigos encontrados na escola ou freqüentados posteriormente. A cultura não é uma realidade global: é um conjunto diversificado ao infinito e em constante evolução. Os fatos da cultura interessam a todas as ciências sociais.

Corrêa (1999), citando o passado e o futuro da geografia cultural, considera que seu enriquecimento acontece a partir da redefinição do próprio conceito de cultura pós-1970. A cultura é definida como o “conjunto de técnicas, atitudes, idéias e valores”, apresentando assim “componentes materiais, sociais, intelectuais e simbólicos”; “transmitido e inventado”; não sendo constituído pela “justaposição de traços independentes”, mas, ao contrário, “seus componentes formam sistemas de relações mais ou menos coerentes”; não sendo assimilado igualmente pelos membros de uma sociedade; “vivido individualmente”.

A Geografia Cultural dá a compreensão de como os indivíduos e os grupos se organizam no espaço deixando suas impressões, ações e maneira de viver.

Em Claval (2001), a Geografia Cultural interroga os homens sobre a experiência que têm daquilo que os envolve, sobre o sentido que dão à sua vida e sobre a maneira pela qual modelam os ambientes e desenham as paisagens para neles afirmar sua personalidade, suas convicções e suas esperanças.

Mello (1999), repensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan, aborda que, no livro *Topofilia*, Tuan transita da geografia da percepção para o horizonte humanístico e desenvolve como temática central o conceito vívido concernente aos laços topofílicos, ou seja, a todo tipo de ligação afetiva entre os seres humanos e o meio ambiente, vínculos esses que “diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão”.

É importante destacar-se o texto de Melo (2001), ao dizer que, no enfoque da geografia humanista, todo ambiente que envolve o homem, seja físico, social ou imaginário, influencia sua conduta. A realidade é interpretada e os fenômenos são

observados como parte de um fenômeno maior, integral, sendo a paisagem percebida pelo indivíduo não como uma soma de objetos próximos um ao outro, mas de forma simultânea. Neste sentido, a paisagem é apreendida de forma holística.

A abordagem holística acredita que os elementos emocional, mental, espiritual e físico de cada pessoa formam um sistema, e tenta tratar de toda a pessoa em seu contexto. Neste estudo, a topofilia reúne os elementos de um lugar marcado por imagens construídas trazidas na emoção das experiências vividas pelos moradores do lugar. Estes transformam-na em objeto de conhecimento. O conhecimento pelo sentimento e consciência emocional tornam-nos mediadores das representações do meio de convívio.

Moreira (2006) expressa que, ao olharmos o mundo, vemos que é formado pela diversidade. Povoamos a pluralidade: vemos as árvores, os animais, as nuvens, as rochas, os homens. A diversidade do mundo é o que chama nossa atenção de imediato. Na medida, entretanto, em que experimentamos esta pluralidade no seu convívio mais íntimo, vem-nos a noção de que junto com a diversidade há a unidade. Uma interligação invisível entre as diferentes coisas faz com que a diversidade acabe contraditoriamente se fundindo na unidade única de um só todo. O espaço surge da relação de ambientalidade, isto é, da relação de coabitação que o homem estabelece com a diversidade da natureza; e o homem a materializa como ambiência, dado seu forte sentido de pertencimento. Este ato de pertença identifica-o no enraizamento cultural que surge da identidade com o meio, via o enraizamento territorial que tudo isso implica.

Reffatti (2001) considera que há uma interação entre os lugares e o homem, na medida em que os lugares agem sobre o ser humano e este age sobre os fatores espaciais que o caracterizam. Portanto o valor do espaço e a orientação da conduta podem ser explicitados pelas formas dessa relação. E é por isso que se pode tratar de qualquer relação no espaço através da influência que este exerce no homem, como também através da influência que o homem exerce sobre o espaço.

O Conjunto Residencial Passo D'Areia, Vila do IAPI, demonstra essa relação referida por Reffatti. A relação homem/lugar é fortalecida pelos locais destinados ao lazer e à prática de esportes; além disso, na comunidade os estilos de vida são semelhantes e a maioria das famílias se auxiliam.

De acordo com Claval (1999), a vida social baseia-se em organizações hierárquicas institucionalizadas. Ela implica igualmente que os parceiros considerem-se pertencentes a um mesmo conjunto pelo qual cada um se sinta responsável e solidário. Isso toma em alguns casos uma forma afetiva, aquela da comunidade.

Essa relação, bem presente na Vila do IAPI, permeia o entendimento de como o mundo interior de pensamentos e emoções está ligado ao mundo exterior, ao ambiente, à natureza.

Santos (2004) enfatiza que a geografia do comportamento se fundamenta no princípio mesmo da existência de uma escala espacial própria a cada indivíduo e também no de um significado particular para cada homem, de porções do espaço que lhe é dado frequentar não apenas em sua vida cotidiana, mas ainda durante lapsos de tempo mais importantes.

Dentro desta ótica, pode-se considerar que a Vila do IAPI tem significados comuns para a maioria dos habitantes. Os espaços mais frequentados e as lembranças são elementos que fazem os indivíduos apreenderem e valorizarem o lugar. A valorização se dá pelas ações praticadas no cotidiano como o podar de uma árvore, o corte de grama dos canteiros, o plantio de uma nova espécie, o varrer de calçadas e ruas, a responsabilidade de guardar a chave de entrada de praças a fim de evitar a depredação.

Tuan (1983), ao relacionar tempo e lugar, afirma que é evidente a necessidade de considerar o ciclo da vida humana: dez anos na infância não são o mesmo que dez na adolescência ou vida adulta. A sensação de tempo afeta a sensação de lugar. O que significa o passado para nós? As pessoas olham para trás por várias razões, mas uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do eu e da identidade.

Na Vila do IAPI, memória e oralidade possibilitaram a presente análise e interpretação *topofílica* recuperada nas experiências de vida. A memória coletiva percebe o que a comunidade reconhece ao seu redor. Existe uma forte relação entre memória, natureza e identidade.

Claval (1999), abordando cultura, meio e paisagem na geografia cultural, considera que as relações do indivíduo com o espaço fazem parte dos primeiros aprendizados culturais e não cessam de se desenvolver. Reconhecer-se, orientar-se, são procedimentos indispensáveis a todos. O bairro onde se habita é percebido como um

nicho familiar, sobretudo se o tipo de arquitetura e de ocupação atribuiu-lhe uma certa especificidade sociológica.

É possível sinalizar estes pontos abordados por Claval nas entrevistas coletadas. Os moradores falam de nomes de estabelecimentos e ruas com naturalidade, apreensão, reconhecimento e satisfação. Falar dos lugares na Vila do IAPI, para os moradores, é reconhecer-se a si mesmo.

Frémont (1980) salienta que, na investigação do espaço vivido dos homens, a prática do terreno, a utilização da palavra e do olho tornam-se de novo estritamente indispensáveis. Mas neste domínio, como em outros, a geografia já não pode contentar-se com práticas folclóricas. Se é conveniente não diminuir o calor das relações entre o investigador e o investigado, a abordagem do homem na sua região implica também algum rigor, sem o que relações e conclusões serão enviesadas, deformadas. As novas explorações do século conduzem-nos para fronteiras interiores do homem. Este “terreno” exigente torna necessária uma certa acomodação científica do olho e da palavra.

Ao revelar as experiências mais afetivas do passado e do presente, nossos entrevistados expressam sentimentos únicos semelhantes ao que dizem ser o lugar. Neste momento, o olho investigativo da pesquisadora capta a sensibilidade das palavras de seus investigados. A linguagem como modelo de compreensão do objeto, onde a narrativa possibilita espelhar a percepção que a comunidade possui de si e do seu redor, reconhecendo-se e identificando-se.

É importante destacar Kaercher (2000) sobre a existência de lugares com os quais as pessoas se identificam e que são significativos para a sua vida e para o desenvolvimento de sua cidadania. Estes lugares levam à idéia de pertencimento devido aos laços afetivos que são profundos, dando estabilidade e segurança às pessoas e tornando-as participantes, capazes de operar transformações.

Na Vila do IAPI as transformações do lugar estão relacionadas a segurança nas áreas de lazer, nos prédios e nas casas. Hoje as cercas e grades fazem parte das construções. O ambiente sofre transformação no plantio de uma espécie ou na revitalização do lago. A participação citada por Kaercher está nas ações cotidianas de seus moradores.

Segundo Silva Júnior (2001), o sentido do lugar muitas vezes pode estar relacionado ao uso que as pessoas fazem dele ou então à permanência de uma *persona* que, por caracterizar o ambiente com suas práticas e afazeres diários, lhe dá características inerentes à sua personalidade. O lugar torna-se *mítico* no sentido de imaginar-se estar associado a algo imaterial como a personificação. Há sempre um personagem que se destaca no imaginário social, seja aquele sujeito que é tido como pouco tolerante, seja aquele que vive enfurnado em uma igreja e fora dela mantém uma vida irregular, seja aquela senhora que dizem se alimentar de fígado de doces crianças, quando na verdade ela apenas é uma misantrópica ou um elemento de grande carisma por fazer caridade curando os males dos enfermos de espírito. Enfim, figuras que se destacam no cenário cotidiano. Essas pessoas tornam-se mitos e mitificam lugares.

Outras obras de outros autores como Bonduki (1998), Degani (2003), Menegat, Porto e Carraro (1998), Nunes(1991) e Souza & Muller (1997), serviram de apoio para a estruturação do contexto histórico e geográfico apresentado neste trabalho.

As questões sociais, geradas pelo processo de industrialização/urbanização, e a criação de moradias para o operariado, através de recursos dos IAP's, fato que deu origem ao crescimento populacional da zona norte e, dentro destas reformas, à criação do Conjunto Residencial Passo D'Areia, são citadas por alguns desses autores.

3. METODOLOGIA

A fundamentação teórica que orienta este estudo está baseada na afetividade em relação ao meio ambiente, a TOPOFILIA, termo criado por Tuan (1980). A pesquisa com perguntas norteadoras aos aspectos topofílicos aponta uma idéia à interpretação das informações, ressaltando a pesquisa qualitativa.

Na pesquisa qualitativa há finalidades da fase de análise que, segundo Minayo (2004), são três: 1) estabelecer uma compreensão dos dados coletados; 2) confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas; 3) ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural do qual faz parte.

Dentro do nível de interpretação desta pesquisa, que inclui a análise dos dados, será operacionalizada esta proposta conforme os passos propostos por Minayo (2004), que prevê: (a) ordenação dos dados, em que se faz todo o mapeamento dos dados obtidos no trabalho de campo como transcrição de gravações, releitura do material, organização dos relatos e dados da observação participante ; (b) classificação dos dados, feita através de uma leitura repetida dos textos de fundamentação teórica para, a partir disso, estabelecer-se interrogações para identificar-se o que surge de relevante; (c) análise final, onde se procura estabelecer articulações entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo às questões da pesquisa com base em seus objetivos. Assim, promove-se relações entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, a teoria e a prática.

Deste modo, fez-se um estudo exploratório para encontrar os elementos necessários que permitiram, em contato com os moradores da Vila do IAPI, obter-se os resultados buscados. A investigação destaca a fala dos moradores buscando *apre(e)nder* o lugar e analisar a realidade no contexto em que os indivíduos realizam suas ações e desenvolvem seu modo de vida. A relação do apreender está no conhecer e captar o que está no meio onde vivem, inserindo no lugar uma rede de relações humanas valorizado na totalidade, suas representações simbólicas e materiais e os elementos centrais deste mesmo lugar.

Triviños(1997), ao apresentar a caracterização das linhas de pensamento, salientando as derivações metodológicas e os resultados atingidos, seguindo uma ou

outra tendência teórica, enfatiza a vinculação do pesquisador a uma concepção de vida, do homem e do mundo. Destaca a importância da denominada pesquisa qualitativa, cujas verdades se baseiam em critérios internos e externos, favorecendo a flexibilidade da análise dos dados. Isso permite a passagem constante entre informações que são reunidas e, em seguida, interpretadas, para o levantamento de novas hipóteses e nova busca de dados.

Na Vila do IAPI, na investigação qualitativa trabalhou-se com dados baseados em valores, crenças, hábitos, atitudes, opiniões e representações. Aprofundou-se fatos particulares e específicos de indivíduos e de grupos de indivíduos. Estudou-se o lugar, considerando as características físicas e sociais, com base nos traços peculiares que dão ao IAPI representação e significado. O fenômeno social destacado no IAPI, a topofilia, a análise de dados significativos apresentados na pesquisa (entrevistas) e a interpretação deste fenômeno são vistos num contexto de uma realidade cotidiana.

Os significados que os sujeitos atribuem ao lugar, sobre suas experiência de vida, suas relações, revelou-os como seres sociais com significados semelhantes no mesmo meio cultural.

Os aspectos destacados nas entrevistas ressaltam passagens agradáveis da vida dos moradores. O Estádio Alim Pedro, as praças e a própria localização da Vila são fundamentais na representação deste lugar, pelo valor simbólico e pela composição da paisagem.

Como lembra Tuan (1983), todos os lugares são pequenos mundos: o sentido de mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível de relações humanas. Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação, mas *o poder dos símbolos, para criar lugares, depende, em última análise, das emoções.*

Tuan (1980) cita que o meio ambiente natural e a visão do mundo estão estreitamente ligadas: a visão do mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo.

A transformação das moradias, constituídas de apartamentos e casas, as áreas verdes e de lazer são discutidas em relação à topofilia.

A pesquisa feita em agrupamento de dados a partir do projeto de construção da Vila do IAPI auxiliou no estudo sobre o apanhado histórico, localização e visão dos moradores quanto à vila na atualidade.

A pesquisa que envolve a análise de dados qualitativos foi realizada através de entrevistas, acervos fotográficos atuais e passados. Com apoio teórico nos fenômenos apresentados, a pesquisa é qualitativa e descritiva.

Os resultados são a percepção do fenômeno em um contexto, expressos por descrições, fotografias, declarações, fragmentos de entrevistas.

Os pressupostos estão nos significados que os sujeitos dão à topofilia, nas suas falas e exemplificações de suas experiências de vida.

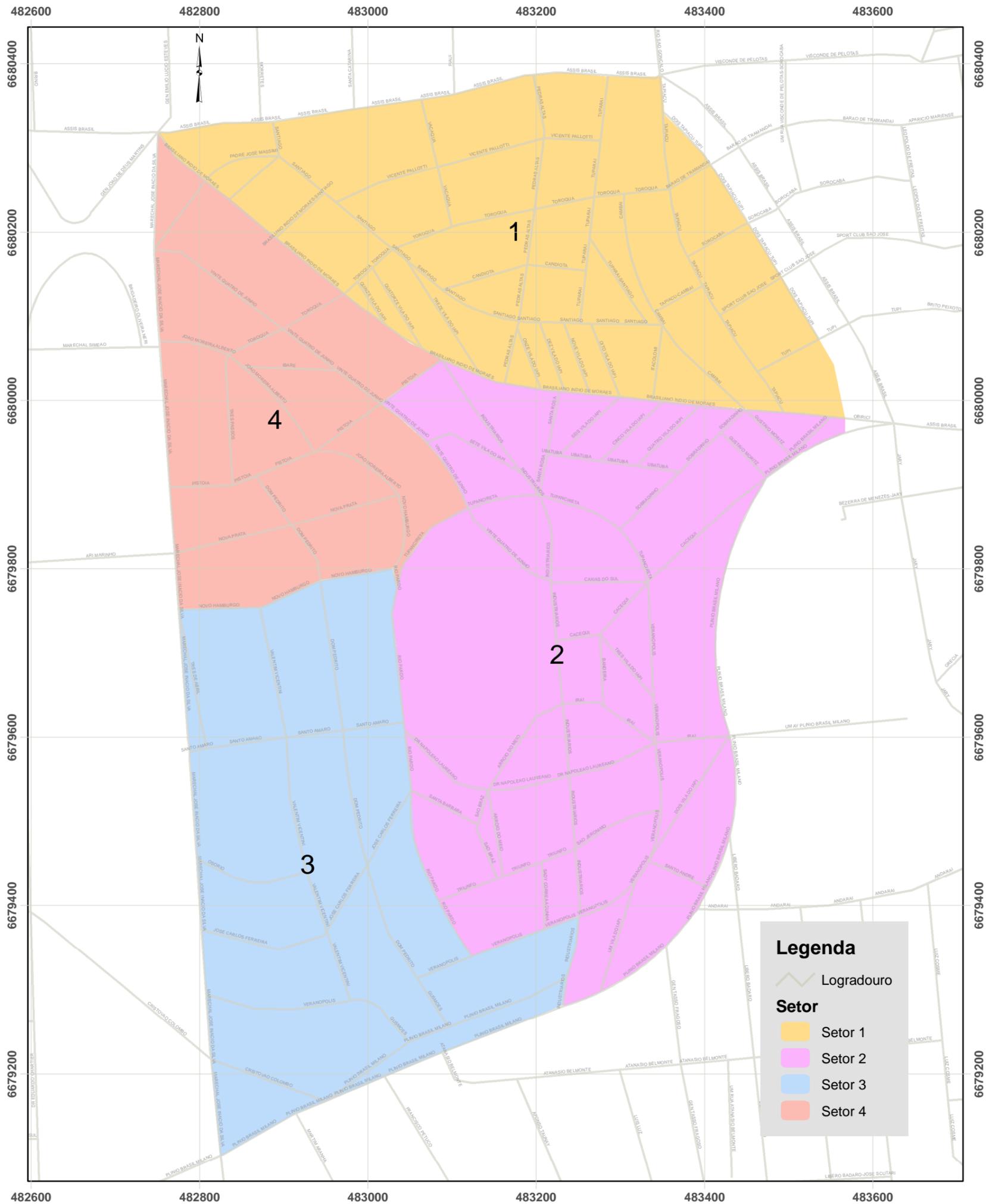
A área de estudo foi dividida em quatro setores (mapa 4):

Setor I: Avenida Brasiliano Índio de Moraes, Rua Tuparaí, Rua Candiota, Rua Vicente Palotti, Rua Vacaquá, Rua Tapiaçú, Rua Cambaí, Rua Toroquá, Rua Pedras Altas, Rua Tupi, Rua Itacolomi, Rua Santiago.

Setor II: Avenida Plínio Brasil Milano, Avenida dos Industriários, Rua Veranópolis, Rua Napoleão Laureano, Rua Caxias do Sul, Rua Arroio do Meio, Rua Cacequi, Rua Sobradinho, Rua Gustavo Moritz, Rua Santa Rosa, Rua Ubatuba, Rua Tupanciretã, Rua Triunfo, Rua São Jerônimo, Rua Iaraí, Rua Santo André, Rua Sady Corrêa da Cunha, Viela São Braz, Viela Santa Bárbara, Rua Rio Pardo, Rua Cacequi.

Setor III: Avenida Plínio Brasil Milano, Avenida Marechal José Inácio da Silva, Rua Triunfo, Rua Valentin Vicentini, Rua Veranópolis, Travessa dos Gusmões, Rua Osório, Rua Santo Amaro, Rua Dom Pedrito, Rua José Carlos Ferreira, Rua Três de Abril, Avenida Cristóvão Colombo.

Setor IV: Avenida Marechal José Inácio da Silva, Rua Toroquá, Rua Ibaré, Rua João Moreira Alberto, Rua Dom Pedrito, Rua Três Passos, Rua Novo Hamburgo, Rua Nova Prata, Rua Pistóia, Rua Vinte e Quatro de Junho.



Limites do IAPI

Setorização



Título:
A Topofilia na Vila do IAPI, Bairro Passo D'Areia, Porto Alegre, RS, Brasil.

Autor:
Letícia Maria Barbosa

Informações Técnicas

Base Cartográfica disponibilizada pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PortoGeo), na escala 1:15.000, Projeção Gauss-Krüger, Datum Carta Geral transformada para UTM SAD 69

Projeção Universal Transversa de Mercator
Datum SAD - Zona 22S
Origem da quilometragem UTM: "Equador e Meridiano 51° W. GR." Acrescidas as constantes: 10.000 km e 500 km, respectivamente.

Escala 1:5.000



MAPA 4

4. COMO SURTIU E SE PRESERVOU A VILA DO IAPI

4.1. Contexto e eventos que marcaram a expansão urbana de Porto Alegre entre os anos de 1930 e 1950

Entre os anos de 1930 e 1950, acontecimentos importantes em Porto Alegre marcariam a expansão urbana desta cidade. A expansão viária, industrial e habitacional dá ênfase ao incremento de bairros.

O crescimento populacional foi um dos fatores que levou à criação destes bairros, entre eles o da zona norte, onde se concentraria grande parte do operariado, além de várias indústrias. A zona norte passou a ser valorizada como eixo de direção para outras localidades próximas e também tráfego para a saída da cidade.

O contexto e eventos desta época tornaram-se importantes no estudo em tela para fazer uma retrospectiva do que levou à expansão habitacional e sobre qual a importância da criação da Vila do IAPI, situada no Bairro Passo D'Areia, tratada como área de interesse cultural da cidade de Porto Alegre.

Após a primeira Guerra Mundial, a indústria gaúcha expandiu-se nos setores de alimentação, madeira, cerâmica, vestuário, produtos químicos, metalurgia, couros, instrumentos de transporte e surgiram em Porto Alegre indústrias importantes como o Moinho Rio-Grandense, a Wallig e as têxteis Rio Guaíba e A.J. Renner.

Em 1930, Getúlio Vargas foi levado ao poder pela Revolução, inaugurando no Brasil o estilo político *populista*. Este estilo, aliado a sua formação positivista, voltado a solucionar as questões sociais geradas pelo processo de industrialização/urbanização, previu solucionar um dos problemas mais sérios deste processo: a questão da habitação (acesso à aquisição de moradia), principalmente para o operariado.

A cidade de Porto Alegre, governada por Alberto Bins (1928-1937), apresentou a Exposição Farroupilha, sob a organização do mesmo governador. Foi o evento mais importante da época no que diz respeito à valorização da indústria local.

No decorrer da década de 30, no Brasil sopraram ventos de modernidade já antecipados em 1922 com a Semana de Arte Moderna.

Em 1930, Getulio Vargas assumiu o poder através de uma revolução, inaugurando assim uma fase de reformas, dominado por idéias de vanguarda. Entre os projetos de reforma estava o de beneficiar o operariado brasileiro com moradias populares.

Degani (2003) cita que no bojo destas reformas são criados os chamados institutos de Aposentadorias e Pensões, os quais tiveram como uma de suas metas equacionar os sérios problemas habitacionais que afetavam, já por aquela época, algumas das principais cidades brasileiras, gerados pelo alto crescimento demográfico e pela migração do campo, que, de forma ainda incipiente, mas em constante andamento, começava a ocorrer. Iniciou-se, a partir daí, um ciclo até então inédito de investimentos na área de habitação popular, com obras do mais variado alcance sendo executadas em praticamente todas as grandes cidades, proporcionando o surgimento de grande número de realizações anônimas e de alguns projetos de cunho excepcional, que marcariam de forma definitiva e bastante característica o período.

Entre os eventos singulares, cumpre destacar o que ocorreu no mês de maio do ano de 1941 (foto 1), onde parte de Porto Alegre foi inundada por uma grande enchente do Guaíba. Foram semanas de chuva intensa como jamais vista até hoje na capital gaúcha. Em abril e maio de 1941, a precipitação somou 791 milímetros na capital.

O bairro Centro da cidade ficou debaixo d'água, fato que deixou a população alarmada. Neste período, barcos e caíques invadiram as ruas da capital e tornaram-se o principal meio de transporte de Porto Alegre.

A famosa enchente de 1941 provocou uma série de estudos, projetos e obras para a contenção do Guaíba, entre os quais as Avenidas Castelo Branco e Beira-Rio, além do Muro da Mauá, com seus 2.647 metros de extensão.

A inundação foi resultado das chuvas que caíram durante 22 dias, alcançando a marca de 619,4 milímetros. Simultaneamente, choveu em toda a bacia hidrográfrica dos formadores do Guaíba. Quando o nível máximo foi atingido, as águas cobriram toda a Praça da Alfândega, invadiram a Rua dos Andradas, as suas transversais e a Avenida Otávio Rocha. Nos bairros, a água cobriu grande parte dos navegantes, São Geraldo, Menino Deus, Praia de Belas, Azenha e Santana. Houve mais de 40 mil flagelados.

Na estrutura urbana neste período as indústrias localizavam-se ao longo da Voluntários da Pátria, Cristóvão Colombo, Benjamin Constant e transversais. Após as cheias de 1941, as novas instalações se deram no Passo D'Areia (Assis Brasil).



Foto 1 – No ano de 1941, Porto Alegre foi inundada por uma grande enchente do Guaíba.

Fonte: <http://www.achetudoregiao.com.br>

A distribuição da habitação expandiu-se e surgiram novos bairros localizados a uma distância considerável do Centro da cidade. As zonas sul, leste e norte da cidade passam a ser habitadas. Destaca-se na zona norte a Vila do IAPI como eixo de acesso à cidade.

O Passo D'Areia (Avenida Assis Brasil), segundo Souza & Muller(1997), apresentou-se como um dos principais eixos para a expansão habitacional na década de 40.

Surgiram muitos bairros novos e localizados a uma distância considerável do Centro, como Vila Assunção e outros da zona sul, assim como na zona leste e norte da cidade, como a **Vila do IAPI** e outras.

A enchente de 1941 afetou o comércio e a indústria. Estes setores sofreram perdas, o que precipitou a expansão para outros bairros, inclusive os bairros da zona norte da cidade de Porto Alegre.

A cidade, a partir da década de 40, assumiu, definitivamente, seu caráter de centro administrativo, comercial, industrial e financeiro do estado.

Os animais de carga, que dominavam o cenário urbano, foram substituídos pelos modernos automóveis.

Decorreram anos de ampliação das malhas viárias da cidade. Foram abertas grandes avenidas, como a Farrapos, a Borges de Medeiros e a Salgado Filho. Outras foram pavimentadas, como a Azenha e a João Pessoa. A expansão do centro urbano, então, começou a se direcionar para as áreas sul e norte da península. Nas décadas de 60 e 70, grandes obras viárias foram feitas na capital.

A construção dos viadutos da Borges de Medeiros, da João Pessoa, o **Obirici**, Tiradentes e Ildo Meneghetti melhoraram o fluxo de veículos na área densamente povoada da capital.

No ano de 1953, uma das áreas que aumentou densamente a população foi a Vila do IAPI, situada no Bairro Passo D'Areia, projetada para atender o contingente do operariado da indústria, a fim de satisfazer suas necessidades básicas.

O programa habitacional para trabalhadores foi implantado através dos IAP's, em nível nacional, como veremos no seguimento.

4.2. Resumo dos 82 anos da história da previdência

Ao longo de 82 anos, a legislação previdenciária sofreu várias alterações com o objetivo de aumentar o contingente de trabalhadores protegidos por um sistema social que lhes garantisse uma vida tranqüila e segura, inclusive para seus dependentes, quando não mais pudessem trabalhar.

Assim, a primeira Caixa de Aposentadoria e Pensões, criada pela Lei Eloy Chaves (Decreto nº 4.682, de 24 de janeiro de 1923), destinada aos trabalhadores das empresas de estradas de ferro existentes no País, representou o marco da Previdência Social pública no Brasil. Deu origem aos Institutos de Aposentadorias e Pensões destinados aos trabalhadores dos diversos segmentos da cadeia de produção econômica, como os industriários (IAPI), comerciários (IAPC), bancários (IAPB), trabalhadores do ramo de transporte e carga (IAPTEC), marítimos (IAPM) e vários outros que foram surgindo ao longo da década de 30 e até a metade da década de 40.

Getúlio Vargas criou o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e, no decorrer da década de 1930, os Institutos de Aposentadoria e Pensões, a ele vinculados. Os IAP's tinham como função atender os trabalhadores na área de Previdência Social, aí incluída a busca de solução para o problema da habitação.

O programa de construção habitacional para trabalhadores foi implantado, através dos IAP's, em nível nacional. Os Institutos passaram a exercer a função de agentes financeiros destinados à aquisição de moradias aos seus associados.

4.3. O Conjunto Residencial Passo D'Areia

Em meio ao cenário de intensas mudanças pelas quais passava o Brasil no início dos anos 40, surgiu o projeto de uma vila operária para quinze mil habitantes, a ser construída no bairro Passo D'Areia, nos arredores de Porto Alegre.

A proposta era ousada por suas dimensões, mas, tocada com determinação pelo departamento de Engenharia do IAPI local, à época sob o comando do Engenheiro Edmundo Gardolinski, foi concluída por inteiro, vindo a se tornar um dos poucos projetos de grandes dimensões, dos tantos idealizados durante o ciclo dos IAP's, a alcançar esse objetivo.

Para se ter uma idéia da grandiosidade do plano, basta comparar sua população com a das maiores cidades do Estado à época, para constatar-se que a Vila, sozinha, se colocaria na 16ª posição em número de habitantes.

Quadro comparativo da população das quinze maiores cidades do Estado à época da inauguração da Vila do IAPI

CIDADE	HABITANTES
Porto Alegre	381.964
Pelotas	79.649
Rio Grande	64.241
Santa Maria	45.907
Bagé	35.340
Uruguaiana	32.272
Caxias do Sul	32.158
S. do Livramento	29.906
Passo Fundo	25.232
Cachoeira do Sul	23.827
Alegrete	20.120
Cruz Alta	19.824
Novo Hamburgo	19.787
São Leopoldo	19.735
Canoas	19.471
Vila do IAPI	15.200

Fonte: <http://www.portoalegre.rs.gov.br>

Contrariando a tendência pela adoção de uma proposta arquitetônica mais inovadora, como as que já vinham sendo adotadas na maioria dos casos similares no centro do País, diretamente influenciadas pelas correntes modernistas, o Conjunto residencial do Passo D'Areia seguiu a vertente mais tradicional e conservadora dos bairros-jardim ingleses. Possivelmente em função desta opção, e por lançar mão de farto material vernacular, de modo especial na concepção dos prédios residenciais, virando as costas ao que havia de mais moderno em termos de idéias no mundo contemporâneo, a Vila do IAPI tenha sido relegada a segundo plano pela *intelligentsia* nacional, sendo considerada, em geral, como um produto menor. Algumas características suas, no entanto, sistematicamente ignoradas por essa visão focada apenas nos preceitos modernistas, fizeram-na merecedora de uma consideração maior: a ampla e imediata compreensão da proposta, traduzida numa aceitação sem restrições da mesma por parte dos primeiros ocupantes, a quem, em última análise, se destinava; a perfeita integração ao tecido viário da cidade que, com o passar dos anos, desenvolveu-se a sua volta; e, de modo muito especial, a perenidade, que fez com que ela, passados cinqüenta anos de sua fundação, conservasse parte importante das características da proposta original, qual seja, a de um bairro moderno e bem equipado, onde as classes menos favorecidas pudessem morar com conforto e dignidade¹.

A preocupação com a racionalidade e a modernidade nos conjuntos construídos pelos IAP's propiciou, particularmente no caso do IAPI, a incorporação de propostas modernistas inclusive no que se refere à moradia popular vertical. Este foi um conceito que sofreu grande oposição dos setores mais conservadores, que associavam a habitação coletiva aos perigos da promiscuidade, da agitação política e da disciplina dos trabalhadores — estigma derivado dos cortiços. Ao contrário, as propostas modernistas socialmente mais progressistas frisavam a importância das soluções habitacionais verticais como forma de maximizar os recursos disponíveis, aproveitar melhor os terrenos e baratear o atendimento, acentuando os princípios de racionalização das tipologias e dos processos construtivos. Muitos dos arquitetos envolvidos na produção da habitação social

¹ DEGANI, J. L. *Tradição e modernidade no ciclo dos IAPs. O Conjunto Residencial do Passo D'Areia e os projetos modernistas no contexto da habitação popular dos anos 40 e 50 no Brasil*. Faculdade de Arquitetura – UFRGS - Programa de Pesquisa e Pós Graduação em Arquitetura. Porto Alegre, 2003.

adotaram os princípios do Movimento Moderno, procurando compatibilizar “economia, prática e estética”².

No ano de 1941 foram iniciadas as obras de impermeabilização dos alicerces onde seriam erguidas as unidades residenciais do Conjunto Residencial Passo D’Areia.

O Conjunto Residencial Passo D’Areia, situado no bairro de mesmo nome, em Porto Alegre, RS, Brasil, é o modelo de um projeto habitacional bem-sucedido que visava a atenuar os problemas sociais advindos do processo de industrialização/urbanização. Posteriormente, este conjunto passou a ser conhecido como *Vila do IAPI*. Estabeleceu-se então a identificação do conjunto com o nome do Instituto que o criou. Mais adiante, o nome *Vila do IAPI* passou a ser relacionado como identificação do local. Portanto, a partir daqui, quando houver referência à *Vila do IAPI*, esta estará relacionada ao mesmo lugar, ou seja, ao *Conjunto Residencial Passo D’Areia*.

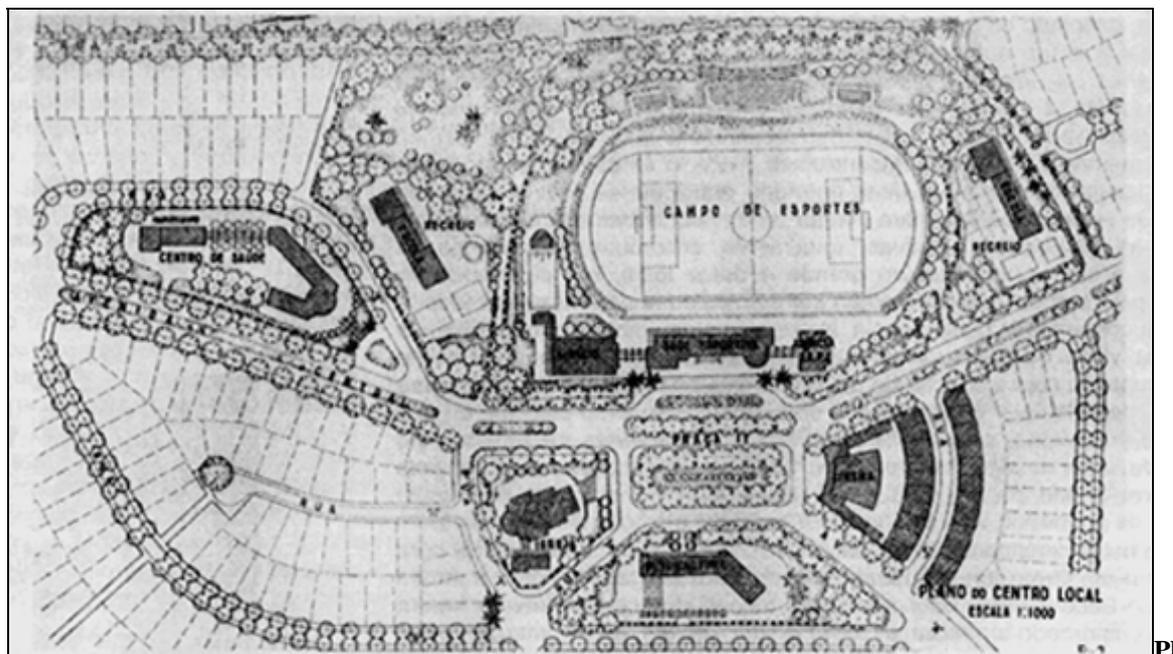
Planejado em uma área que antes era destinada à criação de gado, a pastagens e a outras produções, o Conjunto Residencial Passo D’Areia teve as obras iniciadas durante o governo do General Eurico Gaspar Dutra e finalizadas no ano de 1953, sendo reinaugurada por Getulio Vargas.

O terreno escolhido para a implantação da primeira grande vila operária de Porto Alegre possuía uma área de 67 hectares e situava-se na periferia da cidade em um local que, nos primeiros anos da década de 40, estava definindo-se como pólo para a localização das sedes das indústrias. Ao norte da cidade de Porto Alegre, junto a sua saída mais importante, ponto de ligação com o restante do País, a zona norte apresentava vantagem extra, devido a sua localização não ser favorável às cheias. O deslocamento do pólo industrial se deu principalmente pelos traumas causados devido às cheias de 1941, que haviam assolado Porto Alegre e que literalmente submergiram os bairros Navegantes e São Geraldo, onde se encontravam as sedes da maioria das indústrias. O planejamento de um bairro dirigido à classe operária surgiu de maneira natural e foi favorável à disseminação das indústrias.

A Vila localizava-se em um dos extremos da rede urbana e da malha viária, permitindo aos moradores fácil acesso aos seus locais de trabalho, situados no entorno, assim como ao centro comercial e de serviços da cidade, distante 6Km do local.

² DEGANI, J. L. *Tradição e modernidade no ciclo dos IAPs. O Conjunto Residencial do Passo D’Areia e os projetos modernistas no contexto da habitação popular dos anos 40 e 50 no Brasil*. Faculdade de Arquitetura – UFRGS – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura. Porto Alegre, 2003.

A tipologia do projeto de construção da Vila do IAPI inicialmente previa muitas áreas de lazer, constituídas por um “centro social” (planta 1), além de contemplar o parque de esportes, a igreja, a escola, o posto de saúde, a creche e um prédio para a instalação de um teatro.



Planta 1: Planta ampliada da zona central da Vila, denominada no projeto de “Centro Social”.

Fonte: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Porto Alegre, 2003.

A planta continha todas as instalações previstas em um projeto denominado “Centro Social”. Posteriormente este projeto inicial seria reformulado (planta 2). Pode-se observar que esta primeira planta seria menos adequada para residência operária, visto que prioritariamente as áreas de lazer são bem mais visíveis que as moradias³.

³ DEGANI, J. L. *Tradição e modernidade no ciclo dos IAPs. O Conjunto Residencial do Passo D’Areia e os projetos modernistas no contexto da habitação popular dos anos 40 e 50 no Brasil*. Faculdade de Arquitetura – UFRGS – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura. Porto Alegre, 2003.

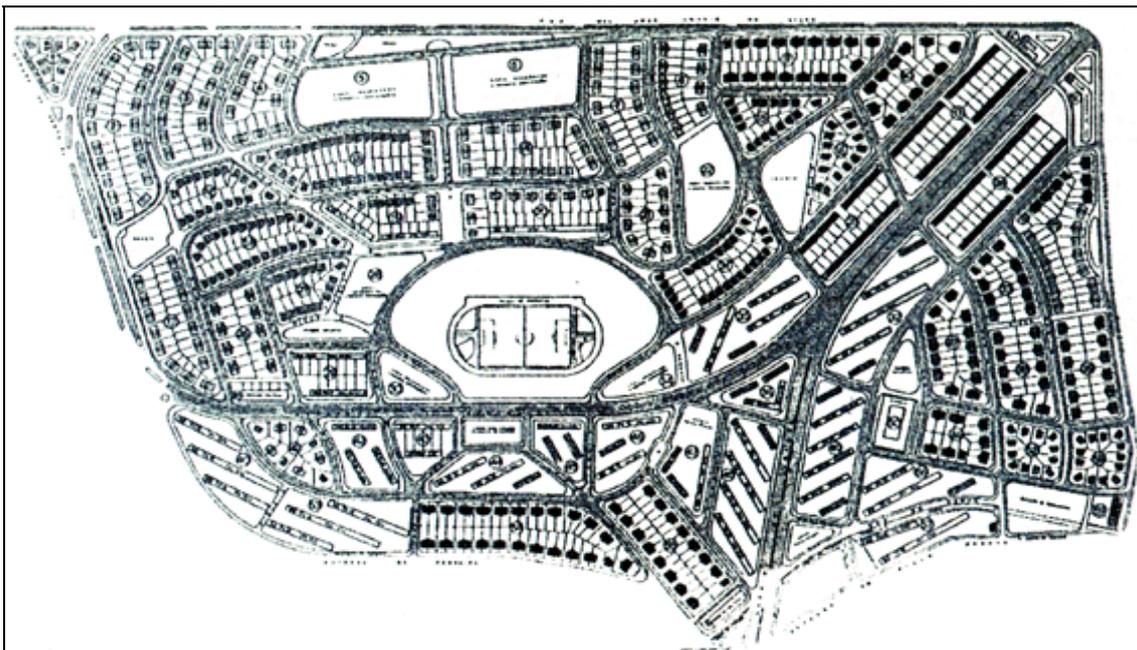


Figura 2: Projeto final do Conjunto Residencial Passo D'Areia, elaborado pelo Engenheiro Marcos Krutter.

Fonte: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Porto Alegre, 2003.

O projeto final planejado pelo Engenheiro Marcos Krutter se adequaria mais às necessidades básicas dos moradores e não deixou de prever o que antes estava projetado: a igreja e a sede social da Vila do IAPI.

Conforme Bonduki (1998), dos projetos implantados no período, a cidade-jardim do IAPI de Porto Alegre foi um dos mais completos. De grande dimensão, combinava um grande número de tipologias: casas individuais, casas sobrepostas, blocos de apartamentos. O conjunto — com vários equipamentos coletivos — foi implantado de modo a respeitar o meio físico e a paisagem, as ruas obedecem às curvas e adaptam-se à topografia.

Privilegiado por possuir densa vegetação, o conjunto está distribuído em uma área onde se destacam as Avenidas Assis Brasil, Brasiliano Índio de Moraes, dos Industriários, Plínio Brasil Milano e ruas intermediárias.

O projeto, orientado pelo conceito urbanístico conhecido como cidade-jardim, procurou equilibrar os espaços construídos e os espaços abertos ajardinados.

Na época, na cidade, o progresso representado pelo asfalto vinha substituindo a paisagem anterior. Isso não aconteceu no IAPI. Quando do início das obras, suas avenidas, ruas e vielas foram arborizadas com espécies nativas. Tanto suas unidades residenciais

quanto os vários logradouros públicos foram ajardinados, procurando adequar a casa ao ambiente natural, daí resultando uma maior humanização do lugar⁴.

Convém destacar que os prédios projetados obedeceram ao mesmo padrão (fotos 2 e 3)) de construção, variando o número de pavimentos.



Fotos 2 e 3 - Prédios de dois pavimentos, localizados, respectivamente, na Avenida Plínio Brasil Milano e na Viela São Braz, diferentes dos existentes ao longo das Avenidas dos Industriários e Brasileiro Índio de Moraes, que possuem de três a quatro pavimentos.

Fotos: Lécia Maria Barbosa

Ao longo da Avenida Brasileiro Índio de Moraes, por exemplo, existem blocos de dois, três e quatro pavimentos. Edifícios comerciais de características diferenciadas dos prédios residenciais destacam que naquele ponto inicia a Vila do IAPI.

Em 1949 foi criado o Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência (SAMDU), mantido por todos os institutos e caixas ainda remanescentes. Este serviço na Vila do IAPI se desdobrava em postos de vacinação, escritórios e na própria SAMDU, que se localizava próxima onde hoje se situa o Viaduto Obirici.

Nas ruas intermediárias foram projetados os complexos de casas misturadas aos prédios. Mas todos os apartamentos, sem exceção, possuíam algo em comum, a chaminé

⁴ Memória dos Bairros. Vila do IAPI. SMC, 1991.

para o fogão a lenha e pátios localizados atrás dos prédios. Os pátios eram utilizados como varal e para as brincadeiras das crianças. Com o passar dos anos, as chaminés foram desaparecendo, cedendo lugar às modernidades oferecidas pelo mercado. No lugar dos pátios surgem garagens, casas e outros tipos de construções.



Foto 4 - Prédio planejado para comércio e atendimento aos aposentados e pensionistas. Localizado no início da Vila do IAPI, Avenida Brasiliano Índio de Moraes.

Foto: Leticia Maria Barbosa

A arquitetura planejada confunde-se, no início da Vila do IAPI (foto 4), com os prédios do Instituto de Pensões onde antes funcionavam os postos de saúde e vacinação e outros benefícios voltados aos moradores. Na parte de cima destaca-se a sigla IAPI como marco de entrada para a Avenida Brasiliano Índio de Moraes.



Fotos 5 e 6 - Nos dias atuais as modificações são uma constante junto aos prédios. Nas proximidades da Praça dos Gusmões, muitas adequações podem ser percebidas.

Fotos: Leticia Maria Barbosa

Os prédios, hoje já desgastados pelo tempo, obedecem à necessidade de segurança (fotos 5 e 6), com grades e porteiros eletrônicos, contribuindo para modificar o visual planejado anteriormente.



Fotos 7 e 8 - Em sua arquitetura original, alguns dos pátios dos prédios eram separados por “cerca viva” hoje os portões de ferro substituem as plantas.

Foto: Leticia Maria Barbosa

As modificações evolutivas e significativas na Vila do IAPI ocorreram em aproximadamente vinte e cinco anos (foto 7 e 8) após a inauguração do Conjunto Habitacional.

A evolução ocorreu em seu entorno e não na sua estrutura arquitetônica. Na medida em que, para deslocar-se a outros pontos da cidade e municípios vizinhos, algumas linhas de transporte coletivo e automóveis passavam obrigatoriamente por uma das avenidas principais da Vila do IAPI, a Avenida Brasiliano Índio de Moraes, o aumento deste fluxo, bem como do comércio e outros serviços essenciais, fez crescer a necessidade de reestruturação do tráfego neste bairro. Assim, a população do IAPI e imediações passa da utilização do bonde, que foi retirado de circulação no ano de 1970, ao ônibus. As avenidas de grande circulação passaram do paralelepípedo ou areão para o asfalto.

No ano de 1975 é inaugurado pelo então prefeito da época, Telmo Thompson Flores, o Viaduto Obirici. O viaduto se liga à Avenida Assis Brasil através da Avenida Brasiliano Índio de Moraes. Esta modificação contribuiu para a crescente evolução dos pontos comerciais que passaram a se proliferar, criando também outros produtos comerciais para atender o dia-a-dia dos moradores desta região.

Destacada por Menegat (1998), a Cidade Xadrez é um modelo de sistema viário que liga as vias secundárias às vias principais. Neste destaque, Menegat cita a Avenida Assis Brasil, que se consolidou como um eixo comercial e de serviços de caráter metropolitano. A Cidade Xadrez tem esta denominação pela tendência ao padrão ortogonal de sua malha viária estruturadora.

Ao ser criada, esta estrutura viária auxiliou no crescimento da indústria em outros pontos. Apesar de as cidades da Grande Porto Alegre, como Cachoeirinha e Gravataí, estarem nesta época evolutiva distantes do eixo comercial, elas começaram a se expandir a partir da Avenida Sertório em direção ao Bairro Sarandi.

O ano de 2003 marca o cinquentenário da Vila do IAPI, um projeto arquitetônico que reflete o movimento das cidades-jardim do início do século passado. Nessa visão, os conjuntos habitacionais deveriam ter espaço próprio para casas e jardins, com muitas áreas verdes e traçados geométricos.

O presidente Getúlio Vargas, que viu o plano crescer em seu período ditatorial, teve a oportunidade de inaugurá-lo já no seu governo democrático. A sigla, equivalente a Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, remonta à época em que o atual

Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) era dividido em vários órgãos de aposentadoria. Originalmente, a obra era destinada a operários da indústria. Acabou, porém, abrigando funcionários do IAPI e de outros institutos, além de trabalhadores graduados das fábricas, únicos a receberem salários acima do piso exigido.

Meio século depois, o essencial do projeto ainda resiste: ruelas sinuosas, árvores nativas nas calçadas, jardins entre os prédios, recantos bucólicos. Essa pode ser uma explicação para tantos artistas nascidos no local, sendo que a mais famosa é Elis Regina⁵.

A construção da Vila dos Industriários – IAPI –, com início das obras em 1946, sem dúvida mudou a configuração do bairro no que diz respeito à urbanização. Projeto moderno e inovador para época, o Conjunto Residencial do Passo D’Areia tinha por objetivo atender às demandas de moradia para os trabalhadores das indústrias.

O projeto da Vila do IAPI chama a atenção não só por apresentar características como o traçado orgânico extraordinariamente adequado ao sítio, a profusão de áreas verdes, as casas unifamiliares e os prédios de no máximo quatro andares, com tipologias diferentes, arborização das ruas, mas também por não se tratar de um empreendimento promovido pela iniciativa privada e nem destinado a atender a burguesia emergente.

Os habitantes da Vila foram, na verdade, os operários e os funcionários do próprio IAPI. Construída em uma área em torno de 67 hectares, em terreno de encosta de morro, numa topografia acidentada as ruas foram traçadas de acordo com o Código de Construção⁶.

O Bairro Passo D’Areia foi criado pela Lei nº 2022, de 7 de dezembro de 1959, portanto após a inauguração da Vila do IAPI. No ano 2000 a população deste bairro somava aproximadamente 23.000 moradores em uma área de 244 hectares com densidade de 95 habitantes por hectare.

O traçado das ruas da Vila foi feito de forma que os cruzamentos entre elas se fizessem com boas condições de visibilidade, evidenciando a preocupação com o pedestre.

O projeto de implantação do IAPI propôs quatro núcleos comerciais com 41 lotes para comércio, que, de acordo com o relatório do Engenheiro Marcos Kruter, não

⁵ História Ilustrada de Porto Alegre. Já Editores, 1997.

⁶ Vila do IAPI. Patrimônio Cultural da Cidade. Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria do Planejamento Municipal, dezembro, 1994.

passariam de armazéns, açougues, padarias, leiterias, armarinhos, quitandas, barbearias, etc.

Hoje este comércio não está situado em uma única zona do conjunto, principalmente os armazéns e quitandas são vistos em quase todas as quadras da Vila.

Nos limites ao norte do Passo D'Areia, portanto próximos à Vila do IAPI, estão o Shopping Center Iguatemi, inaugurado em 1983, e o Hipermercado Bourbon, inaugurado em 2001.

A vida cotidiana dos moradores foi facilitada pela localização do comércio, não havendo necessidade de deslocamento para o centro da cidade. Materiais de primeira necessidade e além disto passaram a ser encontrados no comércio da Avenida Assis Brasil e dos arredores.

A Vila internamente apresentava vida própria desde sua inauguração. Enquanto seu entorno não se desenvolvia, a própria vila atendia as necessidades dos seus moradores. Havia o posto dos correios e telégrafos, localizado na Avenida Brasileiro de Moraes. O posto de saúde e vacinação, nos edifícios do comércio, na entrada da Vila, e a Associação dos Moradores da Vila dos Industriários, localizada na Avenida dos Industriários, próxima ao Estádio Alim Pedro, passam a incluir-se entre as representações da Vila.

Outra entidade de representação é a Escola de Samba União da Vila do IAPI, considerada a mais simpática do carnaval porto-alegrense. A escola foi fundada em 1980 e contou, entre seus fundadores, com antigos participantes do grupo humorístico “Os Tesouras”, que agitava a festa carnavalesca, quando ela acontecia nas ruas do bairro.

As opções de lazer na região são variadas: há praças arborizadas, cancha de bocha, quadra poliesportiva, o Largo Elis Regina e o Estádio Alim Pedro, bastante freqüentado pelos jovens da Vila e dos arredores.

Periférica em relação à área urbanizada 50 anos atrás, a Vila integra-se hoje à malha urbana da cidade (mapa 2), inserida em um dos principais eixos de expansão dos bairros de classe média e alta (Bela Vista, Três Figueiras) e cercada de importantes vias de ligação (mapa 3), já marcadas pelos primeiros planos urbanísticos elaborados na década de 40.

Os detalhes das avenidas (fotos 9 e 10), ruas (fotos 11 e 12) e vielas (fotos 13 e 14) tornaram-se essenciais para o tráfego de veículos e pedestres.

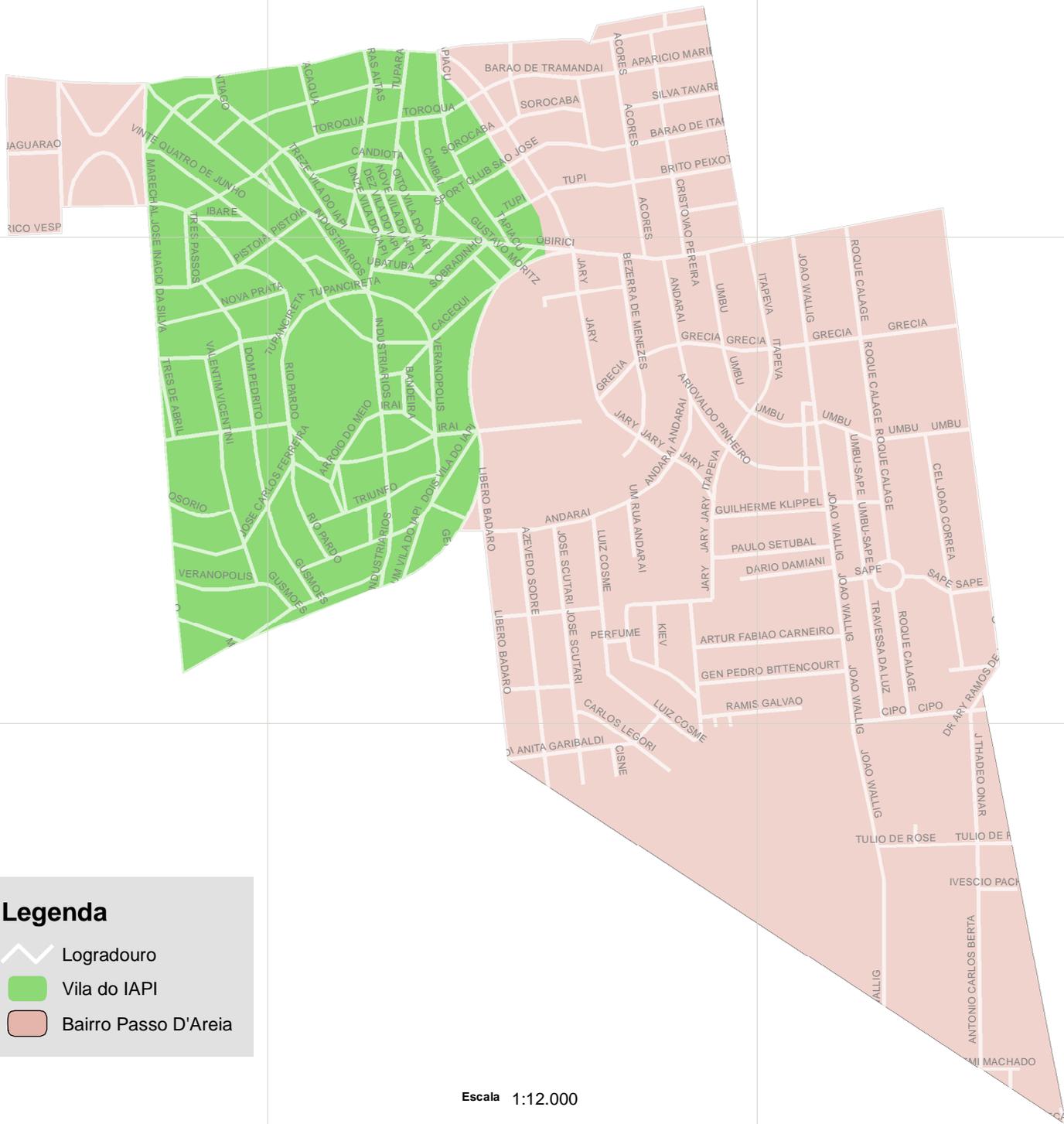


Fotos 9 e 10 - Avenidas: 25,00m de largura com duas faixas de tráfego de 5,50m cada, 5,00m de canteiro central e 4,50m para os passeios laterais. No detalhe, a Avenida Brasileiro Índio de Moraes.

Fotos: Jorge Amaral

483000

484000



6680000

6680000

6679000

6679000

Legenda

-  Logradouro
-  Vila do IAPI
-  Bairro Passo D'Areia

Escala 1:12.000

500 250 0 500 m

483000

484000



Título:
A Topofilia na Vila do IAPI, Bairro Passo D'Areia,
Porto Alegre, RS, Brasil.

Autor:
Letícia Maria Barbosa

Informações Técnicas

Base Cartográfica disponibilizada pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre(PortoGeo), na escala 1:15.000, Projeção Gauss-Krüger, Datum Carta Geral transformada para UTM SAD 69

Projeção Universal Transversa de Mercator
Datum SAD - Zona 22S

Origem da quilometragem UTM: "Equador e Meridiano 51° W. GR."
Acrescidas as constantes: 10.000 km e 500 km, respectivamente.

Limites do Bairro Passo D'Areia detalhe do IAPI

MAPA 2



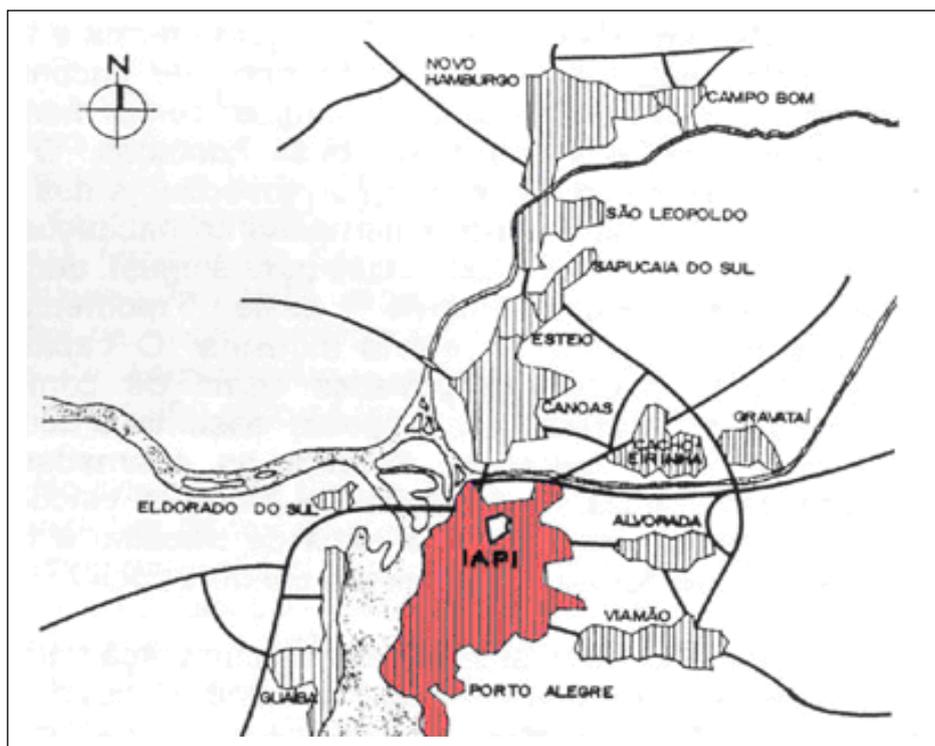
Fotos 11 e 12 - Ruas internas: largura de 12,00m totais, 5,50m para a faixa de tráfego e 3,25m os passeios laterais. No detalhe, a Rua Dom Pedrito e Avenida Brasiliano Índio de Moraes.

Fotos: Letícia Maria Barbosa



Fotos 13 e 14 - Vuelas e simples passagens: 3 tipos com larguras respectivas de 10,00m, 8,00m e 6,00m. No detalhe, vuelas da Avenida Brasiliano Índio de Moraes e Rua Vicente Palotti.

Fotos: Letícia Maria Barbosa



Mapa 3 - A Vila do IAPI é cercada por importantes vias de ligação.

Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre/Secretaria de Planejamento Municipal.

A topografia da Vila privilegiou a arquitetura. As escadarias (fotos 15, 16 e 17) aproximaram as distâncias e integraram ruas.



Fotos 15 e 16 – Escadarias da Rua Rio Pardo e da Praça dos Gusmões.

Fotos: Letícia Maria Barbosa



Foto 17 – Viela na Rua Vicente Palotti com passagem para a Avenida Assis Brasil.

Foto: Letícia Maria Barbosa



Foto 18 - Via paralela à Avenida Plínio Brasil Milano, em diferente nível, mais elevado.

Foto: Letícia Maria Barbosa

Para resolver o problema do barranco em grande extensão da parte sul do terreno, foi criada uma via paralela à Avenida Plínio Brasil Milano (foto 18), em

diferente nível, mais elevado, para dar melhor e mais tranqüilo acesso às moradias naquela área, tanto para pedestres como para veículos.

O IAPI entrou para a história da habitação popular como uma experiência exemplar porque não se limitou a oferecer quatro paredes aos associados do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, mas iluminação solar satisfatória, ventilação agradável e diferentes modelos e tamanhos de casas e prédios⁷.

⁷Zero Hora, sábado, 4 de dezembro de 1993.

5. A SIMBOLOGIA NA VILA DO IAPI - CARACTERÍSTICAS ESPACIAIS

A Vila do IAPI, analisada sob o prisma da Geografia Cultural, apresenta-se fundamentada pelo seu conteúdo material. O mapa mental da representação do lugar constitui-se das representações espaciais do espaço vivido no cotidiano, seja no presente ou no passado, formadas a partir de acontecimentos sociais, culturais, históricos, econômicos ou divulgados nos meios de comunicação.

O orgulho que os moradores demonstram ao reconhecerem na Vila a história de si mesmos inclui os laços afetivos de suas bagagens de vivência na construção de suas trajetórias individuais e do seu dia-a-dia. Muitas destas pessoas trazem a marca de épocas em que acontecimentos e símbolos ficaram registrados, impregnados no ambiente e na memória como sensações agradáveis e nostálgicas do cotidiano que muitas delas até hoje experimentam.

Segundo Tuan (1983), o lugar é o espaço que se torna familiar às pessoas, consiste no espaço vivido da experiência. Como um mero espaço se torna um lugar intensamente humano é uma tarefa para o geógrafo humanista, para tanto, ele apela a interesses distintamente humanísticos como a natureza da experiência, a qualidade de ligação emocional dos objetos físicos às funções dos conceitos e símbolos na criação de identidade do lugar .

Os valores dos indivíduos deste lugar são mais ou menos comuns e suas falas dão sentido àquilo que os cerca :

“(...) lembro de nossas mães, muitas vezes, brincando como se fossem crianças (...) elas andavam de balanço...brincavam de roda (...)” - Leilane Gaspary, moradora.

“(...) lembro que, quando eu era pequena, brincava na rua de esconde-esconde, tomava banho de chuva (...) este local é calmo.(...)” - Marrogani Soares, moradora.

“(...) para mim, a nobreza do IAPI está na riqueza da sua história, na beleza das suas ruas, na arborização, no contraste entre o velho e o novo, da riqueza de ter idosos

passeando pelas ruas e contando seus 'causos antigos' (...).” - Maria Cristina Soares, moradora.

Tuan (1974) considera que a topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, pode-se estar certo de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo.

Nesta perspectiva, o IAPI é percebido como um símbolo. Vários pesquisadores apontam, na Vila, a harmonia e a imagem não descaracterizadas pelas transformações, além da integridade da morfologia urbana, a tipologia arquitetônica e a topografia do sítio.

O crescimento urbano bem visível no entorno do IAPI e as práticas sociais desenvolvidas em seus limites se contrapõem ao cotidiano vivenciado na Vila.

“(...) para mim, o grande diferencial do Passo D’Areia é a Vila do IAPI e, fora a arquitetura do conjunto ser diferenciada e única, também tem o tipo de relação de vizinhança e companheirismo que ali se criou. (...)” – Luiz Antonio Pereira, ex-morador.

Lefebvre (1978) considera que o bairro é uma forma de organização concreta de espaço e de tempo na cidade. Forma cômoda, importante, mas não essencial; mais conjuntural do que estrutural. O bairro seria a mínima diferença entre espaços sociais múltiplos e diversificados, ordenados por instituições e centros ativos.

Considerando que a Vila do IAPI faz parte do bairro Passo D’Areia e com ele se confunde, porquanto bairro refere-se a situação de localização, percebe-se a Vila do IAPI com *status* de bairro, constituído por grupos distintos que marcam seus territórios e espaços sociais múltiplos e diversificados: o grupo da igreja, o grupo da bocha, o grupo da terceira idade, o grupo do futebol. Todos ao mesmo tempo diferentes e semelhantes. Nestes grupos o sentimento de vivência e de “pertença” se destacam fortemente. Os símbolos que estão incorporados à vivência e à afetividade relativas ao lugar desempenham um papel fundamental na construção de sua identidade.

Segundo a Secretaria do Planejamento Municipal de Porto Alegre, a Vila do IAPI não está registrada no Plano Diretor da cidade. Na atualidade, discussões são mantidas para tratar a Vila neste contexto.

Encontro trata da Vila no Plano Diretor. A comunidade da Vila do IAPI voltará a se reunir hoje com o vereador Sebastião Melo e representantes do Executivo Municipal. A reunião começa às 20h, na sede da Associação dos Moradores da Vila do IAPI (Amovi), localizada na avenida dos Industriários, 433, na Capital. Os encontros vão debater a Vila do IAPI no contexto do Plano Diretor. Esta será a terceira reunião dos moradores com o vereador, que está aprofundando as discussões. Recentemente, foi realizada uma caminhada pelo núcleo onde foram analisadas as possibilidades de flexibilização, de conservação e de revitalização do conjunto residencial, que está incluído na área de interesse cultural de Porto Alegre. A cidade de Porto Alegre tem tradição em planejamento urbano, constituindo-se na primeira Capital do País a contar com um Plano Diretor. No início do século surgiu a primeira tentativa de organizar o crescimento da cidade, com o arquiteto João Moreira Maciel propondo o "Plano Geral de Melhoramentos", que data de 26 de agosto de 1914. Apesar de ser um plano tipicamente viário, estava calcado em princípios orientadores bem definidos. (23 de abril de 2007/Correio do Povo).

A questão de bairro está intimamente ligada ao tamanho, visto que à época da inauguração da Vila do IAPI este foi o primeiro conjunto residencial de grande porte. Esta relação gera uma dicotomia que leva as pessoas a referirem-se ao IAPI como bairro, enquanto no Plano Diretor da cidade ela não está caracterizada desta forma. A comunidade e outras pessoas passam de pai para filho o IAPI como bairro, desde o tempo de sua criação, e os meios de comunicação também adotam esta distinção:

*Desde que soube que Porto Alegre ganhará uma estátua da cantora Elis Regina, a comunidade da Vila do IAPI está mobilizada para colocar o monumento no **bairro** onde ela nasceu. Ontem, no Parque da Redenção, foi feita uma das seis consultas populares organizadas pelos moradores do bairro da zona Norte da Capital para escolher o local que irá sediar a estátua. Feito em bronze pelo artista plástico José Pereira Passos, o monumento reproduz Elis em tamanho natural e foi doado pela Companhia Zaffari, por meio da Lei de Incentivo à Cultura. Mas o IAPI não é o único **bairro** candidato a receber a réplica de Elis Regina. (23 de abril de 2007, Correio do povo).*

Ao abordar bairro e vida de bairro, Lefebvre (1978) considera que, entre as teses que rechaçam dar ao bairro uma realidade essencial, encontra-se um leque de afirmações que se combinam segundo o grau de realidade atribuído a este nível. A sociologia admite níveis de realidade, como também de pensamento; não há um “tudo e nada” de existência, de realidade, de coerência sociológica, e sim uma extensa gama.

a) O bairro é uma pura e simples sobrevivência. Mantém-se por inércia. O peso da história assegura certa sobrevivência a alguns bairros. Existe um microdeterminismo, resultado de antigas conjunturas e decisões, que compromete a vida urbana.

b) O bairro é uma unidade sociológica relativa, subordinada, que não define a realidade social, mas que é necessária. Sem bairros, igual que sem ruas, pode haver aglomeração, tecido urbano, megalópolis. Porém não há cidade. O estudo deve distinguir os bairros moribundos, os destruídos e decompostos, dos que ainda se conservam.

c) No bairro se constituem relações interpessoais mais ou menos duradouras e profundas. A proximidade do espaço e do tempo substitui as distâncias sociais, espaciais e temporais. Com base nisso, constitui uma porta de expressão para a existência sociológica.

Existem diferentes tipo de bairros: os que se mantêm, os que se consolidam e os que desaparecem. Esta classificação exige o estudo das implicações e relações internas e externas entre os bairros e o que os rodeia.

A Vila do IAPI tem o *status* de bairro, podendo a ela ser atribuídos alguns aspectos no que diz respeito a sua história, seu surgimento, relacionando-a à questão urbana e às facilidades de deslocamento para outras cidades, além de sua importância dentro da malha viária pela sua localização. Destaca-se a força das lembranças e a expressão da história que faz parte do cotidiano de seus moradores, conferindo-lhe, até hoje, *status* de bairro.

“(...) o corredor facilitou (...) transporte para vários bairros (...) tem tudo no IAPI, é um bairro arborizado (...)” – Ana Maria Soares, moradora

O IAPI, na visão dos moradores, reflete experiências compartilhadas que germinam afeição. A familiaridade com que descrevem o lugar faz com que símbolos bastem como referência. “Vou ali no Obirici” já identifica que a pessoa vai até o comércio da Avenida Assis Brasil. “Vou lá no Seu Batista” identifica o mercadinho da esquina da Rua Santiago. “Fui à Fátima” identifica que esteve na Igreja Nossa Senhora de Fátima, localizada na Rua Rio Pardo. “Moro na rua do Becker” identifica que mora na Rua Nova Prata, onde está localizado o Colégio Estadual Dom João Becker.

As experiências íntimas e diretas envolvem apreensões simbólicas. O mapa mental utilizado é o do saber vivenciado, experienciado que abrange, além da visão, as representações e interpretações do que há ao redor.

“(...) não é à toa que até hoje resistem e sobrevivem pontos comerciais dirigidos ou atendidos pela segunda e até terceira geração de proprietários do mesmo negócio. Leitaria da Fiorina, o Bar 44, a foto Nick (...)” – Luiz Antonio Pereira, ex morador.

Ao tratar a Vila do IAPI como lugar, expressa-se a força que induz esta classificação por sua história, as coisas impregnadas a ela e estendidas aos sujeitos que ocupam este lugar, estabelecendo uma relação de valorização e pertencimento.

Compreende-se o lugar como algo inacabado e que está num processo de constante alteração, aberto e em movimento. Daí, a necessidade de ampliar o entendimento do vivido para o concebido.

Tuan (1983) analisa as diferentes maneiras como as pessoas sentem e conhecem o espaço e o lugar e salienta como o homem experencia e entende o mundo. Para ele, lugar é segurança, é também a liberdade que o indivíduo sente quando se apega ao lugar.

“(...) foi uma infância de muitas lembranças felizes e determinantes para minha visão de mundo (...)” – Luiz Antonio Pereira, ex morador.

Para Nogueira (2002), o lugar é parte essencial da identidade, como sujeitos. Afirma que a Geografia poderia, antes de trazer uma caracterização acabada do lugar, procurar investigar e interpretar o saber que cada um traz e que é adquirido na relação de vida com o lugar. Salienta que, para o homem, a realidade geográfica é primeiramente o lugar em que está, os lugares de sua infância, o ambiente que lhe chama sua presença. Esse lugar está sendo compreendido para além de seus aspectos físicos e geométricos, ou seja, aqui compreendido como lugar da vida.

Recentemente, o lugar é resgatado na Geografia como conceito fundamental, passando a ser analisado de forma mais abrangente.

Milton Santos (1997) cita que lugar constitui a dimensão da existência que se manifesta através de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições. Cooperação e conflito são a base da vida em comum. O conceito de lugar induz a análise geográfica a uma outra dimensão - a da existência -, pois refere-se a um tratamento geográfico do mundo vivido. Este tratamento vem assumindo diferentes dimensões.

Neste contexto, Tuan (1974) afirma que o lugar se singulariza a partir de visões subjetivas vinculadas a percepções emotivas, a exemplo do sentimento topofílico (experiências felizes).

Na Vila do IAPI cada pessoa está rodeada por camadas concêntricas, são os prédios, as casas, a vizinhança, o bairro e para além disso. O principal referencial de lugares experienciados e o *habitat* é a própria Vila e a rotina diária; todos são centros de significado.

Na percepção de Tuan (1974), o que a lareira, a loja de doces na esquina, a cidade, e o Estado-Nação têm em comum? Eles são todos centros de significado para os indivíduos e grupos. A cidade e a nação, embora não sejam conhecidas integralmente por parte de cada um dos indivíduos, são ambas símbolos da fraternidade homem-lugar, os quais constituíram-se, na realidade, em um único ser.

Segundo Frémont (1980), a maioria das nações conta com um forte sentimento de unidade interna, o qual seria propiciado principalmente pela comunhão do idioma e da cultura (poder-se-ia incluir em alguns casos a religião, a exemplo dos países mulçumanos). Deste modo, os homens não viveriam *sobre a* ou *na* nação. Os jogos esportivos, assim como os avanços tecnológicos, dentre outros eventos de mesmo caráter, são sempre ocasiões em que este sentimento, patriótico ou em menor escala, de bairrismo afloram .

Leite (1998) afirma que o que há na realidade é uma relação simbiótica entre homem e meio ambiente. Neste sentido, lugares devem ser considerados como pessoas e as pessoas como lugares. Os lugares normalmente não são dotados de limites reconhecíveis no mundo concreto. Isto ocorre porque, sendo uma construção subjetiva e ao mesmo tempo tão incorporada às práticas do cotidiano, as próprias pessoas envolvidas com o lugar não o percebem como tal. Este senso de valor só se manifesta na consciência quando há uma ameaça ao lugar, como a demolição de um monumento considerado importante, ou quando há uma reivindicação comum, como a visita periódica de um carro do fumacê.

Conforme Tuan (1975), ao contrário das regiões delimitadas para fins de planejamento, plenamente reconhecíveis em mapas e cartas topográficas, através de símbolos e toponímias, a maioria dos lugares não é nomeada. Dar nome a um lugar é dar seu explícito reconhecimento, isto é, reconhecê-lo conscientemente ao nível da verbalização, fato este que não ocorre na realidade.

Dentro desta perspectiva, Bachelard (1978) afirma que é a semente que faz a maçã, e ainda assim a miniatura da semente é maior do que a grandeza da maçã. Ou seja, apesar da intensidade das experiências vividas em nível do País, da cidade, do bairro ou da rua, se fossem representados cartograficamente, tais lugares seriam menores que sementes, mas ainda assim germinariam afeição.

A Vila do IAPI está dentro desta relação simbiótica citada por Bachelard. A inter-relação dos moradores com o lugar e sua história é parte de cada um. O conhecimento do meio além do cotidiano torna qualquer movimento que se relacione à Vila importante para toda a comunidade.

A homenagem à cantora poderá ser instalada no parque Germânia ou na esquina das avenidas Plínio Brasil Milano e Engenheiro Alfredo Corrêa Daudt. A votação realizada ontem no parque é a quarta consulta popular do mês de abril. A votação itinerante ocorre todas as terças-feiras, das 17h às 19h, na Vila do IAPI. Os votos serão recebidos até amanhã. A aposentada Marisa Ramos, 55 anos, que vive no bairro desde o nascimento, lembrou a convivência com a cantora de sucesso Elis Regina. Atualmente, é uma das maiores incentivadoras do movimento que quer ver a estátua da cantora instalada no bairro. "Aqui ela cresceu e despontou para o mundo. Não tem outro lugar melhor para ficar a sua réplica", ressaltou Marisa. Caso a vontade dos vizinhos da cantora porto-alegrense se confirme, a réplica ficará localizada no largo do bairro que também leva o nome de Elis Regina, na esquina das ruas Rio Pardo e Novo Hamburgo. Marisa Ramos destacou que no local existia o antigo campo de futebol onde as crianças costumavam brincar. (23 de abril de 2007, Correio do povo).

A simbologia no IAPI é extraída da experiência humana. É uma simbologia real. A realidade visível do lugar difunde, no cotidiano, elementos representativos do saber humano.

Os grupos e os símbolos no IAPI constituem a trama elementar para a formação deste lugar e suas combinações: as praças, as vielas, os prédios, as casas. Estes símbolos falam da vida dos moradores e têm um valor descritivo que ganha carga emotiva.

Os moradores reconhecem e orientam-se por referenciais simbólicos visuais que transmitem sensação de domínio a este nicho familiar.

O IAPI, com sua característica histórica, criou, através dos moradores, identidade própria.

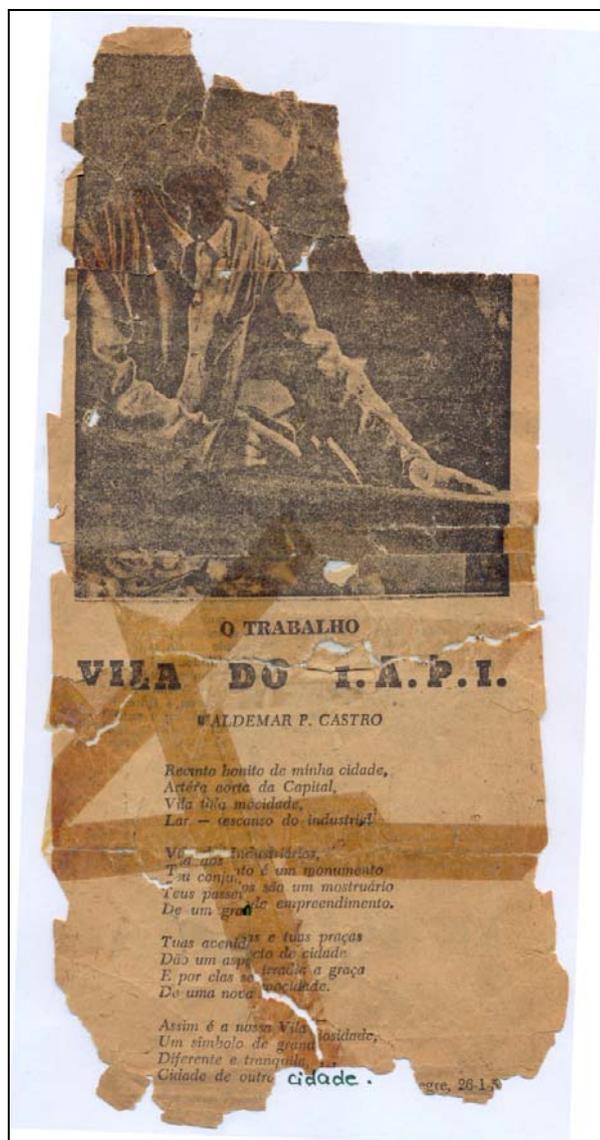


Figura 1 - O poema de Waldemar P. Castro, ano de 1954, exalta a Vila do IAPI.

Fonte: Luiz Pascoal Barbosa

O documento datado de 26 de janeiro de 1954, guardado pela família Barbosa, faz parte da história da construção da Vila e também da família. Entre outros tantos documentos de igual valor afetivo, estão também presentes as lembranças da evolução e das modificações ocorridas na Vila, transmitidas aos filhos, sobrinhos e netos através da oralidade.

O Poema de Waldemar P. Castro evidencia a exaltação à Vila do IAPI.
Transcrevemos abaixo para uma melhor visualização.

O TRABALHO

Vila do I.A.P.I

Waldemar P. Castro

(Publicado no Jornal do Dia, em 26-01-1954)

Recanto bonito de minha cidade

Artéria aorta da Capital,

Vila toda mocidade,

Lar – descanso do industrial.

Vila dos Industriários,

Teu conjunto é um monumento

Teus passeios são um mostruário

De um grande empreendimento.

Tuas avenidas e tuas praças

Dão um aspecto de cidade

E por ela se irradia a graça

De uma nova mocidade.

Assim é a nossa Vila

Um símbolo de grandiosidade

Diferente e tranqüila

Cidade de outra cidade.

“(...) houve uma época em que os fatos e as fotos das famílias circulavam pela Vila. A comunidade participava de eventos dos vizinhos mais próximos (...). Casamentos, quinze anos, formaturas...era tudo de bom(...)”. Heloisa Pereira, moradora.

Claval (1999) cita que é graças ao jogo de valores, aos procedimentos sociais de institucionalização e aos ritos de passagem que as culturas individuais se acham integradas nos sistemas simbólicos que dão sentido à vida de cada um e à existência do grupo, possuindo, portanto, uma identidade.

“(...) perdi minha mãe com um ano e fui morar com minha tia, que foi uma das primeiras moradoras da Vila (...) lá passei minha infância, diga-se de passagem maravilhosa, pois só tenho lembranças boas da Vila (...)”. – Roberto Martins Pereira, morador.

Os entrevistados fazem referência a hábitos comuns da comunidade. Em tempos passados, conviviam como uma grande família e os eventos eram compartilhados entre os vizinhos (foto 19).



Foto 19 - Jovens confraternizando em festa de 15 anos. Rua Dom Pedrito, ano de 1968.

Foto: Roberto Pereira

Fotos entre famílias vizinhas (foto 20) eram também uma prática comum entre os moradores.



Foto 20 – Pátio do Colégio Gonçalves Dias, Rua Santiago, ano de 1969. Crianças da família Barbosa e a vizinha Noeli Barros Soares.

Foto: Luiz Pascoal Barbosa

“(...) recordo muito dos desfiles escolares no 7 de Setembro, que reunia as escolas do bairro; desfile de escolas de samba no fim da noite, onde todos que participavam divertiam-se muito (...)” – Iracema Angelos, ex moradora.

Em época de desfiles cívicos (fotos 21 e 22) ou de carnaval, a comunidade da Vila concentrava-se ao longo da Avenida dos Industriários para aplaudir seus representantes.



Foto 21 e 22– Desfiles de 7 de Setembro na Avenida dos Industriários, anos de 1970 e 1980.

Fotos: Luiz Pascoal Barbosa

Frémont (1980) cita que todo lugar tem significado. Combinações de elementos econômicos, ecológicos, sociológicos e demográficos num espaço reduzido, o lugar visualiza-se através duma forma que se integra na paisagem local e regional. Aquilo que representa deve ser descriptado um pouco como uma linguagem, a linguagem dos homens falando com o espaço como um meio de expressão.

“(...) vejo que há um certo carinho dos filhos de antigos moradores, pois em época de eleições muitos não mudaram seu endereço eleitoral, pelo prazer do encontro com velhos amigos, colegas e moradores do bairro (...)” – Iracema Angelos, ex-moradora.

Dentre as representações significativas que integram a paisagem da Vila estão o Estádio Alim Pedro, que até hoje serve como ponto de integração para a comunidade, onde são desenvolvidas várias atividades, e o monumento do Obirici (foto 23), localizado próximo ao viaduto de mesmo nome.



Foto 23 - Conta a lenda que Obirici, a filha predileta do cacique dos Tapimirim, teria se apaixonado e morrido de amor por Upatã, filho mais velho do cacique da tribo Tapiaçú. Todavia outra índia também se apaixonara pelo guerreiro. A sorte foi então decidida numa competição de arco e flecha, cuja vencedora desposaria Upatã. Muito nervosa, Obirici teria errado o alvo e, em decorrência, perdido sua grande paixão. Teria saído, então, a caminhar por uma grande planície arenosa, onde hoje se situa o bairro *Passo D'Areia*. Cansada, teria se sentado embaixo de uma figueira e ali ficado chorando. Em meio a preces e lágrimas, teria pedido com os braços erguidos ao céu que o deus Tupã viesse buscá-la. Teria morrido, assim, de amores por Upatã. Das lágrimas, teria se formado um pequeno riacho, que corria sobre a areia, entre colinas e vales, árvores e plantas. Por isso, as mulheres indígenas que perdiam seus maridos em batalhas buscavam consolo nas "lágrimas de Obirici".

Fonte: <http://www.pampasonline.com.br>

O comportamento identitário dos moradores ao lugar, analisado sob o aspecto sócioespacial, é caracterizado pelas imagens desse lugar. Com base neste aspecto, os objetos do cotidiano, os movimentos culturais e a paisagem determinam a construção social de identidade da Vila e relacionam-se ao indivíduo no âmbito pessoal e também ao indivíduo e à coletividade, propiciando fenômenos sociais em cada grupo, seja o da cancha de bocha, o da terceira idade, o da igreja ou o do esporte.

Estabelece-se no mesmo espaço a identidade territorial definida através da apropriação de idéias mais ou menos comuns e com valores simbólicos que se

apresentam de maneira diferente, dependendo da idade cronológica de cada grupo, da época e do lugar.

“(...) éramos pobres, mas tínhamos muita alegria (...) nas vendas lembro que o atendimento era pessoal e muito amigável, todos se conheciam e tinham crédito na vendinha, no alto, bem acima da Escola Gardolinski (...)”. – Tânia Elizabeth Ferreira, ex-moradora.

Claval (1999) enfatiza que a identidade aparece como uma construção cultural. Ela o faz selecionando um certo número de elementos que caracterizam ao mesmo tempo indivíduo e o grupo: artefatos, costumes, gêneros de vida, meio, mas também sistemas de relações institucionalizadas, concepções da natureza, do indivíduo e do grupo. A identidade deve ser analisada com um discurso que os grupos têm sobre eles mesmos e sobre os outros, para dar sentido a sua existência. O sentimento identitário permite que se sinta plenamente membro de um grupo, dotá-lo de uma base espacial ancorada na realidade dos problemas do território, e a questão da identidade estão indissociavelmente ligados: a construção das representações que fazem certas porções do espaço humanizado dos territórios é inseparável da construção das identidades. Uma e outra, estas categorias são produtos da cultura, em um certo momento, num certo ambiente.

Há na Vila do IAPI várias identidades no mesmo lugar. Lugar e identidade têm um vínculo muito forte com a questão espacial no IAPI, pois os indivíduos se reconhecem a partir de seu território. Por exemplo: são do grupo da bocha, do Estádio Alim Pedro; são do grupo da Igreja Nossa Senhora de Fátima; são do grupo da terceira idade, da AMOVI. São grupos segmentados pelo território, mas que também possuem a semelhança de identidade única, o pertencimento ao mesmo lugar, a Vila do IAPI.

A identidade é construída a partir de subjetividades individuais e coletivas. Os simbolismos deste lugar contribuem enormemente para a incorporação de sua memória, carregado-o de valores e sentidos que se apresentam como suporte essencial para a ligação emocional e topofílica.

6. AS RELAÇÕES TOPOFÍLICAS NA VILA DO IAPI

6.1. Os moradores da Vila do IAPI - ontem e hoje

Na chegada dos anos 50, década marcada por mudanças e avanços tecnológicos, houve muitas inquietações de âmbito cultural. Esses avanços trouxeram o acesso a novas informações com a introdução da televisão na vida da população brasileira, que passou a inserir em seu cotidiano alguns hábitos advindos de países mais desenvolvidos. Esta mesma tecnologia trouxe para o Brasil a fábrica de automóveis Ford e também o refrigerador.

Na América, o *american way of life* (estilo de vida americano) começava a tomar conta e difundir-se através da venda de produtos e de costumes americanos como tentativa de criar uma cultura de consumo oposta à ideologia comunista.

O bonde dava lugar ao ônibus (coletivo), e os automóveis passavam a trafegar não somente no centro de Porto Alegre, mas também nos bairros. Uma movimentação diferenciada tomou conta de alguns bairros e também da Vila do IAPI .

A Vila, afetivamente lembrada não só por seu projeto arquitetônico bem-sucedido, mas também por motivos que a tornaram popular, mantém-se viva na memória de moradores e simpatizantes pela música, pelo concurso Rainha dos Industriários, pela Escola de Samba União da Vila do IAPI e, é claro, por sua moradora mais ilustre, Elis Regina.

Conforme Tuan (1980), para compreender preferência ambiental de uma pessoa, necessitaríamos examinar sua herança biológica, criação, educação, seu trabalho e os arredores físicos. No nível de atitudes e preferências de grupo, é necessário conhecer a história cultural e a experiência de um grupo no contexto de seu ambiente físico. Os conceitos “cultura” e “meio ambiente” se superpõem do mesmo modo que os conceitos “homem” e “natureza”.

No roteiro deste estudo, os entrevistados atentam para a espacialização, dimensionando aquilo que percebem e reconhecem em seu entorno. Reconhecem muito mais cada parte da Vila do IAPI do que do bairro do qual eles propriamente fazem parte (Passo D'Areia).

A relação de afetividade apresenta-se em suas falas, ao se reportarem a símbolos que representam a Vila, como a estátua da Índia Obirici (que dá nome também ao viaduto), o Estádio Alim Pedro, a Igreja Nossa Senhora de Fátima. Comentam o cotidiano como se estes lugares a que se referem fossem lugares conhecidos por outras pessoas:

“(...) fui ali no Alim Pedro..(...)”; *“(...) ah, lá no laguinho acontecia o encontro das bandas pro futebol (...)”* - Edison de Lima Espíndola – *Edinho* -, da Banda de Rock Liverpool.

A afeição, familiaridade e intimidade com estes lugares e símbolos dão a sensação de serem pertencentes ao lugar e de que esse lugar lhes pertence. A consciência do passado torna-se um elemento importante no amor pelo lugar.

Os indivíduos pensam em si mesmos como membros de uma coletividade em que os símbolos expressam valores e, a partir disso, criam uma memória comum voltada para a simbologia, enaltecendo e classificando-a como o melhor lugar para se viver:

“(...) eu não me sinto saído da Vila, ali é sempre a minha volta (...)” Edison de Lima Espíndola – *Edinho* -, da Banda de Rock Liverpool.

“(...) é um dos melhores bairros de Porto Alegre (...) dificilmente vão fazer um complexo como aquele (...)” Nilson Guedes – Fundador da Escola de Samba União da Vila do IAPI.

Deste modo, pode-se fazer a relação das falas anteriores, citando Haesbaert (1999), que, ao tratar a questão da identidade social, reforça que identificar, no âmbito humano-social, é sempre *identificar-se*, um processo reflexivo, portanto, e identificar-se é sempre um processo de identificar-se *com*, ou seja, é sempre um processo *relacional*, dialógico, inserido numa relação social. Além disso, como não se encara a identidade como algo dado, definido de forma clara, mas como um movimento, trata-se sempre de

uma *identificação* em curso, e, por estar sempre em processo/relação, ela nunca é uma, mas *múltipla*.

Alguns se referem à Vila como se a representassem: *minha vila*.

O lugar ou o meio ambiente são produtores de imagem para a topofilia, pois esta é mais que um sentimento difuso, sem nenhuma ligação emocional. O meio ambiente fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. (Tuan 1974: 129)

“(...) da minha infância, me recordo dos dias em que meu pai me acompanhava ao campo Alim Pedro para andarmos de regata (brinquedo construído com madeiras que deslizava pela grama). Ao cruzar o campo, me lembro dos dias da minha infância. Gostaria de mostrar a meus filhos esta brincadeira (...)” - Leonardo Barbosa, morador.

Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo a que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época. (Tuan 1974:129)

“(...) lembro dos parques de diversão que se instalavam no Alim Pedro, do carnaval na Avenida dos Industriários, das festas juninas com fogueiras. (...)” – Márcia Pinto, moradora.

A identificação dos moradores com o lugar confere-lhes poder e posse sobre os símbolos que o representam e que recebem outros tantos significados.

Através do conceito de *topofilia* ou elo afetivo entre o sujeito e o espaço, bem como entre o sujeito e os demais sujeitos no espaço em questão, Tuan (1980) afirma ser essa relação o determinante de valor atribuído ao espaço, quando há: diferença entre a visão do visitante e a do morador de determinado espaço, meramente estético pelo primeiro e mais abrangente pelo segundo; constância entre os grupos socioculturais em conceberem o mundo e o *cosmos* a partir de um referencial etnocêntrico, superestimando seus lugares como centrais e ideais; as visões de mundo

peculiares que se “constroem” pelos grupos socioculturais que vivem em determinados ambientes ou *habitats* humanos.

“(...) existem muitos moradores antigos, criando-se, desta forma, uma comunidade fechada (...) a maioria das famílias são conhecidas de muito tempo, tem-se um convívio muito estreito, pode-se dizer que é uma grande família (...)” – Leonardo Barbosa, morador.

A Vila hoje se constitui, na sua maior parte, de idosos aposentados, antigos moradores da época do Instituto de Pensões (IAPI), além de familiares filhos, sobrinhos e netos de antigos moradores, que atualmente ocupam as moradias. A habitação é passada de geração para geração na intenção de preservar o patrimônio familiar.

“(...) nasci no IAPI (...) o imóvel é do meu avô, que morou aqui e hoje mora em Cachoeirinha (...)” – Louise Soares, moradora.

Tuan (1983) salienta que para aprender a conhecer o bairro exige-se a identificação de locais significantes, como esquinas e referenciais arquitetônicos, dentro do espaço do bairro. Objetos e lugares são núcleos de valor.

A Vila do IAPI, no plano diretor da cidade de Porto Alegre, está inserida no bairro Passo D’Areia e com ele se confunde, o que lhe dá *status* de bairro. Sua significação e referenciais, na visão dos moradores, dá ênfase e intensidade ao sentimento topofílico.

“(...) o campo era minha floresta...a liberdade dentro do IAPI (...) aquilo ali não tem preço (...) me tornou um cara ‘relax’ pronto pra enfrentar tudo”. Edison de Lima Espíndola - *Edinho* - , da Banda de Rock Liverpool.

Para Tuan (1983), o sentimento e seu objeto são muitas vezes inseparáveis.

“(...) o IAPI é diferente até na coleta de lixo (...) a prefeitura não faz mais coleta seletiva de lixo porque não vê mais necessidade, há uma consciência (...) a maior parte dos moradores separa garrafas, papéis e os catadores pegam já separado (...) foi feito um estudo e divulgaram isso na página do DMLU (...)” - Roberto Pereira, morador.

O gosto desenvolvido por certas paisagens ou o sentimento afetivo por lugares que se conhece bem, demonstrados no prazer visual, são de grande intensidade, relacionados ao caminho para a maturidade.

“(...) lembro que era lindo ver o céu forrado de pipas (...) empinava-se pipa no alto da praça do lago (...) e as festas juninas! (...) também havia a turma que fazia tocha (pedaço de cabo de madeira, com pano velho amarrado na ponta) e, ao entardecer, as tochas eram acessas e a turminha saía pelas ruas do IAPI, iluminando a noite que caía (...) o melhor que posso recordar da infância, hoje com a maturidade (...)” - Tânia Elizabeth Ferreira, ex-moradora.

Acontecimentos e experiências sentimentais, familiares ou não, vêm sobrecarregados da relação com o lugar.

“(...) acho que tive a melhor das infâncias (...) aqui nasci e me criei em uma casa com um grande pátio, onde podíamos ter animais como cachorro, gato, papagaio e até mesmo um marreco (...)” - Irma Guedes, moradora.

Este sentimento topofílico mitifica a Vila do IAPI, tornando-a aos olhos de quem assim a simboliza, a personificação do que há de melhor, sem considerar o que possa estar fora deste âmbito.

“(...) chegava o mês de outono, o céu do IAPI ficava colorido (...) pipas voavam no céu (...)” - Roberto Pereira, morador.

Cabe ressaltar que, conforme Tuan (1980), a construção do mundo ideal é uma questão de remover os defeitos do mundo real. A geografia fornece necessariamente o conteúdo do sentimento topofílico. A experiência é constituída de sentimento e pensamento. O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poder-se-ia falar de uma vida de sentimento como se fala de uma vida de pensamento.

“(...) minha experiência de convivência é principalmente de caráter tranquilo e harmonioso (...)” - Maria Gorete Mignoni, moradora.

A identificação dos moradores com o lugar transforma-o em local significante:

*“(...) me lembro muito da ida à ‘matiné’ aos domingos no **Cine-rei**, às quinze horas da tarde, com uma turminha de amigos. Estudei no **Gonçalves Dias** e no **Dom João Becker**. Lembro dos desfiles da escola de samba. Quando me mudei com meus pais para a região, a **Avenida Plínio Brasil Milano** era ainda de chão batido e todos só a conheciam pelo apelido de **Rua da Pedreira**. (...)” - Maria Gorete Mignoni, moradora.*

A moradora conhece a área intimamente e identifica locais significantes como nome de ruas e colégios dentro da Vila do IAPI.

Em Tuan (1980), objetos e lugares são núcleos de valor. Preocupar-se com eles, mesmo momentaneamente, é reconhecer a sua realidade e valor.

“(...) quem dera todos morassem numa vila assim (...) pra mim a Vila do IAPI é tudo de bom! (...) fico muito ofendida quando as pessoas criticam o fato de eu ter preferido morar na Vila do IAPI em vez de procurar bairros mais nobres da cidade (...)” - Maria Cristina Soares, moradora.

Segundo Silva Júnior (2001), o sentido do lugar muitas vezes pode estar relacionado ao uso que as pessoas fazem dele ou então à permanência de uma *persona* que, por caracterizar o ambiente com suas práticas e afazeres diários, lhe dá características inerentes à sua personalidade. O lugar torna-se *mítico* no sentido de imaginar-se estar associado a algo imaterial como a personificação. Há sempre um personagem que se destaca no imaginário social, seja aquele sujeito que é tido como pouco tolerante, seja aquele que vive enfiado em uma igreja e fora dela mantém uma vida irregular, seja aquela senhora que dizem se alimentar de fígado de doces crianças, quando na verdade ela apenas é uma misantropa ou um elemento de grande carisma por fazer caridade curando os males dos enfermos de espírito. Enfim, figuras que se destacam no cenário cotidiano. Essas pessoas tornam-se mitos e mitificam lugares.

Figuras do cotidiano são lembradas pelos moradores do IAPI. Algumas destas pessoas e alguns grupos de pessoas já passaram por lá, outros permanecem. No imaginário social, figuras polêmicas que personificaram a Vila do IAPI ganham destaque em histórias peculiares, como o Maia, excelente desenhista; o Maroca, figura ambígua, respeitador das famílias, que assumia o papel de guardião das crianças do bairro; os componentes da Banda de Rock Liverpool; a Escola de Samba União da Vila do IAPI; a cantora Elis Regina e outros tantos anônimos para a cidade, que circularam neste lugar que sempre tem uma história interessante para ser contada por seus moradores.

Os elementos referidos por Silva Júnior também podem ser observados, por exemplo, na obra infantil *Convite para brincar* (Barbosa, 2003), que utiliza alguns elementos que retratam o lugar mítico de infância, a Vila do IAPI.

A lembrança da brincadeira “passa-passará”(figura 2), do tempo da infância, ilustrada na capa do livro, faz relação com a afetividade e o estímulo do imaginário. O texto, próprio para a compreensão do leitor infantil, identifica a gurizada amiga como se fosse da mesma família.

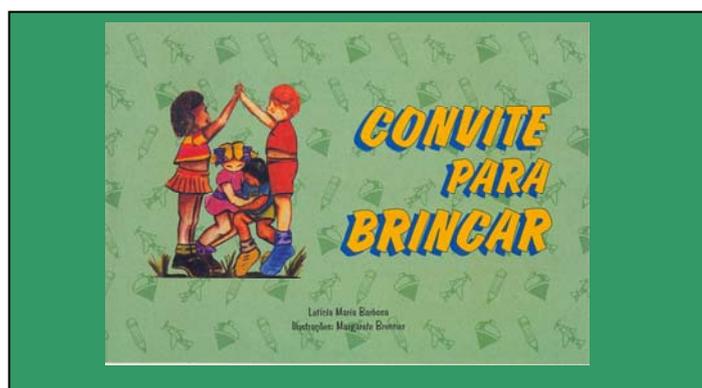


Figura 2 – “passa-passará”, brincadeira de rua.

Fac- símile – Capa do livro Convite para Brincar.

As ruas da Vila do IAPI, os quintais, as “vendas”, o visual dos móveis antigos, os bancos das esquinas dos prédios e casas, tudo transpira encantamento ... como o caminhar pelas vielas inspira e faz lembrar músicas, histórias, brincadeiras, gostos e cheiros da infância.

A “pula sapata” (figura 3) era a brincadeira de pular sobre um diagrama riscado no chão. As calçadas eram os lugares ideais para este jogo.



Figura 3 – “Pula sapata”, brincadeira de rua.

Fac- símile – Ilustração do livro Convite para Brincar, página 16.

Na obra, além das brincadeiras e brinquedos, também foram lembradas figuras de adultos que fizeram parte do imaginário social (figura 4).



Figura 4 - “Dona Maria”, figura do imaginário social.

Fac-símile - Ilustração do livro Convite para Brincar, página 17.

O *Seu Polaco* e a *Dona Maria* (figura 5), moradores da Vila do IAPI, não toleravam brincadeiras de crianças na porta de seu apartamento. Sempre havia uma bola recolhida.



Figura 5 – “Seu Polaco”, figura do imaginário social.

Fac-símile - Ilustração do livro Convite para Brincar, página 19.

Segundo Corrêa(1999), a cultura é definida como o “conjunto de técnicas, atitudes, idéias e valores”, apresentando assim “componentes materiais, sociais, intelectuais e simbólicos” transmitidos e inventados, deste modo sendo representados na obra *Convite para Brincar* (2003) .

Convite para Brincar (2003) faz relação com elementos experienciados da infância, formando um sistema de relações simbólicas e sociais construídos individualmente, mas reconhecidos como parte do todo. As brincadeiras desenvolvidas,

exploradas e praticadas no ambiente em que a paisagem fazia parte do brinquedo, estabelecem relações coerentes que formam o conteúdo do livro.

A expressão que a autora deseja transmitir aos infantes está na afetividade envolvida nas brincadeiras de rua. A união dos elementos que davam condições para executá-las *inventavam* a “sapata”, jogo riscado nas lajes da frente dos prédios e casas, o “passa-passará”, que reunia muitos pares de crianças de uma esquina a outra nas ruas estreitas dos prédios, o jogo de “fita”, nas correrias em volta dos edifícios nos pátios abertos entre as árvores frutíferas.

Parece prático reconhecer a paixão humana no ambiente não descuidando da diversidade e da subjetividade. Isso significa perceber-se como sujeito e reconstituir sua história de vida.

“(...) o bonde era uma das alegrias da minha infância, saía correndo pra atravessar a rua e ia até o final da linha arrumando os bancos(...) que saudades!(...)” – Maria Assunção Lima, moradora.

Resgatar o passado é compreender a história e a si mesmo, conferindo-lhes significações para o presente. As significações das atitudes e valores ambientais colaboram para a percepção de como os seres humanos respondem ao seu ambiente físico.

“(...) o senhorzinho que vendia, de porta em porta, melado de Santo Antônio (...) ele era a alegria da garotada da Rua João Moreira Alberto (...) lugar e tempo maravilhoso! (...)” – Tânia Elizabeth Ferreira, ex-moradora.

Tratando a Vila do IAPI com o termo “lugar” que, conforme Tuan (1893), indica experiência comum, relaciona-se a topofilia aos significados e experiências compartilhados por uma comunidade de pessoas que respondem a este lugar com pensamentos e sentimentos que transcendem as particularidades culturais.

“(...) na infância, todas as crianças brincavam na rua até às vinte e três horas...meia noite (...) o caderninho da venda pagava depois na confiança da palavra, tudo era maravilhoso (...)” – Doris Radke, moradora.

A experiência não é puramente conceitual. Ela é íntima, direta, simbólica e expressada através do conhecimento de convívio cotidiano.

“(...) infância inesquecível (..) a gente observa que tinha o Bomfim de gente mais abastada (...) o IAPI já ficou tradicional. O Alim Pedro, as praças. Os moradores convivem há muito tempo (...) aquela vivência foi única (...)” – Ana Silveira Soares, moradora.

O reflexo de suas relações com a Vila se funde aos significados, dotando-os de valor.

“(...) tudo era próximo (...) o correio funcionava, no começo, em um apartamento térreo na Brasiliano (...) a AMOVI era só pra quem morava no conjunto (...) meu irmão tinha um conjunto musical e tocava na AMOVI quando ela era de madeira ainda (...) muito bom (...)” – Neli Miranda Lima, moradora.

As emoções dão um colorido à experiência dos moradores. O apego apaixonado à Vila do IAPI está visivelmente descrito no roteiro de entrevistas. O grupo conhece o lugar emocionalmente, seus símbolos e sua história representativa, valendo-se destes detalhes para encantar suas lembranças.

“(...) hoje vou na Vila, vejo um bairro verde (...) existe uma consciência, embora tenha virado mais um bairro do que vila (...)” – Edison de Lima Espíndola (Edinho) –, Banda de Rock Liverpool.

A memória da vila de antes esperando manter a esperança de uma vila melhor na atualidade.

“(...) como dizia um professor de artes: lá no IAPI tem um quê de cultura e arte (...)” – Iracema Angelos, ex-moradora.

Os moradores do IAPI “sentem o lugar”, tornam-no afetivo.

Segundo Tuan (1983), “sentir” um lugar se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora de o sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos.

“(...) lembro que vim pro IAPI com cinco filhos, depois nasceram mais três (...) todos se criaram e estudaram aqui (...) a vida ficou mais fácil aqui porque tudo era mais barato, saúde mais fácil (...)” – Neli Miranda Lima, moradora.

Acontecimentos marcantes na vida dos indivíduos levam-nos a relacionarmos os acontecimentos com a localidade, característica muito comum entre os entrevistados.

A afetividade, algumas vezes, aparece ligada ao tempo de vivência no lugar, considerando-se no ciclo da vida humana o “olhar pra trás”, que, além de conter carga emotiva, dá sentido à identidade do “eu”.

“(...) lembro que, principalmente a partir dos anos 70, a Vila começou a ser conhecida como reduto de drogados - os famosos maconheiros da Vila do IAPI (...) era a época do ‘sexo, drogas e rock in roll’ (...) lembro de uma figura famosa e trágica, o ‘primeiro’ maconheiro da Vila. Foi quando entendi que a droga destrói a vida das pessoas e desagrega a família (...) no IAPI a figura do traficante era uma figura ambígua, respeitador das famílias, assumia o papel de guardião das crianças do bairro(...)” – Luiz Antonio Pereira, ex-morador.

Entre os moradores da Vila há maior acuidade em suas percepções sobre os equipamentos urbanos locais. A escola, a igreja e o comércio, entre outros, se encontram nos limites das esquinas da Vila, até mesmo porque, em tempos passados, havia dificuldade de acesso com automóvel.

“(...) onde antigamente funcionava a leiteria, hoje é uma mercearia, mas entre a leiteria e mercearia neste local vendia-se desde chinelo de dedos, chimia a granel, laquê, grampos para cabelos, lingüiça, até querosene (...) e até hoje muitas pessoas vão lá para colocar a conversa em dia e chamam o lugar de “a casinha do leite” (...)” – Loraine Cândida Barbosa, moradora.

O sentimento topofílico mais aguçado e a relação de pertencimento mais consolidada se dão nos diálogos de moradores nos estabelecimentos urbanos locais. Há um conhecimento preciso sobre a vizinhança e as imediações. Fatores tais como cultura, sexo e idade fazem parte das multirrelações do processo de percepção ambiental.

Ao fazer-se a relação tempo e lugar, muitas lembranças são reveladas nas entrevistas.

Tuan (1983) afirma que na relação de tempo e lugar é evidente a necessidade de considerar o ciclo da vida humana. O que significa o passado para nós? As pessoas olham para trás por várias razões, mas uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do eu e da identidade.

“(...) mais uma história de infância e que gostaria de registrar é a lembrança do Papai Noel da Vila do IAPI, o Valdo, que por décadas entregou os presentes de Natal - que os pais da gente passavam para ele - nas casas quando se aproximava da meia noite (...) lembro que muitas crianças tinham medo do Papai Noel porque a máscara de Papai Noel que o Valdo usava era meio assustadora mesmo (...) o mais interessante é que numa época em que todas as famílias tinham vergonha e escondiam qualquer parente com qualquer forma de deficiência, o Valdo vivia o seu momento de inclusão plena, no Natal (com uma máscara, é bom lembrar) (...) lembro também que durante o

ano era comum ele entrar nas casas de todo mundo no IAPI; alguns corriam com ele, mas a maioria da comunidade tinha uma relação de respeito e cuidado (...)” – Luiz Antonio Pereira, ex-morador.

As experiências de convivência social fazem parte da história dos moradores. Há casos em que o aspecto cognitivo se desenvolveu a partir da afeição da comunidade.

“(...) o Valdo, Vivaldino o nome dele, caminhou aos cinco anos, aqui ele se desenvolveu, aprendeu a conviver com estranhos (...) todos cuidavam porque ele fugia de casa (...) a radiopatrulha trazia ele pra casa porque estava perdido (...) o barbeiro chamava a radiopatrulha, todos cuidavam dele porque sempre foi muito conhecido (...) moramos aqui desde 1956. Valdo aprendeu a trabalhar na marcenaria desde cedo (...) construía galenas, mesas, cadeiras, todo o tipo de móveis (...)” - Neli Miranda Lima, moradora.

Observe-se que o trecho da entrevista anterior pode ser destacado em Kaercher (2000), que afirma a existência de lugares com os quais as pessoas se identificam e que são significativos para a sua vida e para o desenvolvimento de sua cidadania. Estes lugares levam à idéia de pertencimento devido aos laços afetivos que são profundos, dando estabilidade e segurança às pessoas e tornando-as participantes, capazes de operar transformações.

Segundo Tuan (1983), na percepção ambiental da paisagem estão intrínsecos os laços entre o meio ambiente e a visão de mundo do homem. A percepção ambiental é individual, e no processo de interação há uma variedade de elementos que estão envolvidos na percepção. O autor define a percepção como tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que se percebe tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura.

Os laços de afetividade que unem as pessoas ao meio ambiente constituem significados às essências através da experiência vivida não considerando o mundo independente do ser humano.

“(...) a tristeza de termos perdido nossa casa fez com que dentro de nossos corações houvesse muita tristeza (...) agora, depois de 45 anos, somente eu retorno à Vila do IAPI pra fazer um estudo fotográfico da região (...) o mundo do jeito que meus olhos viam, é claro. (...)” – Tânia Elizabeth Ferreira, ex-moradora.

O sentimento incorporado à cultura local contribui para a formação da identidade do lugar, e este sentido de identidade envolve satisfação, percepção, felicidade e o simbolismo que é o somatório das experiências para esta construção.

“(...) lembro que quando eu era pequena brincava na rua de esconde-esconde, tomava banho de chuva, brincava de ‘meu pai matou um porco’ (...) o Colégio Gonçalves Dias era bom (...) os amigos do bairro (...) este local é calmo (...) gosto de ir na Banda do Bolinha no final de ano, nos festivais de música (...) a muamba do carnaval (...) participei da banda do Colégio Gonçalves Dias e do coral da Biblioteca Romano Reif (...)” – Louise Soares, moradora.

As lembranças da infância produzem emoções e afetividade.

“(...) meus filhos, quando pequenos, estudaram com a Elis no Gonçalves Dias (...) quando tinha o ‘Clube do Guri’ ela avisava (...) os fundos do apartamento da Elis era fundos com a Dom Pedrito (...) meus pai moravam na Alameda Santo Amaro (...) muito bom (...)” – Neli Miranda Lima, moradora.

Para Tuan (1983), a natureza produz sensações deleitáveis à criança, que tem mente aberta, indiferença por si mesma e falta de preocupações pelas regras de beleza

definidas. Estas considerações podem ser observadas na memória da infância da moradora.

“(...) apesar de morar num apartamento pequeno com meus seis irmãos, meu pai e a mãe, minha infância foi vivida com muita liberdade, vivia brincando na rua, inventando brincadeiras, os pátios não tinham cercas nem paredes (...)” – Loraine Cândida Barbosa, moradora.

O relato da infância em relação à vivência local trouxe respostas saudosistas e afetivas.

“(...) no verão, as casas que tinham jardins na frente colocavam suas mangueiras presas num cabo de vassoura no centro do gramado (...) era como se uma fina garoa caísse e nós, crianças, pegávamos nossas cadeirinhas e ali ficávamos a nos refrescar (...) todos cantavam, riam, corriam (...)” - Tânia Elizabeth Ferreira, ex-moradora.

As falas dos moradores e dos ex-moradores da Vila do IAPI demonstram neste capítulo o conhecimento pelo sentimento e a consciência emocional, tornando-os mediadores das representações deste meio.

Segundo Claval (1999), parece ser impossível estudar a geografia de uma cidade, de uma região ou de um país sem se interessar pelas pessoas que os povoam. A experiência que as pessoas têm do mundo repousa sobre seus corpos e sobre a maneira como elas o concebem e utilizam. É através dos sentidos que os homens apreendem o mundo.

Desta forma, na transcrição das entrevistas percebe-se as experiências vividas transformadas em objetos de conhecimento e sentimento afetivo. As percepções, representações e sensações estão no simbolismo da vida individual e coletiva e reúnem comunicação e identidades.

Os sentidos constroem imagens que identificam os habitantes e o ambiente, e a consciência emocional permite filtrar o que está por trás de um lugar real pela sua importância histórica e emocional, porquanto o sujeito está em comunhão com o meio.

6.2. As relações topofílicas e as áreas de lazer

A apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando se manifesta mesclada com incidentes humanos e lembranças, perdurando além do efêmero. Surgindo como um envolvimento suave, inconsciente com o mundo físico, tais relações sociais engendram afeição ou desprezo, uma vez que os lugares e sentimentos são uma extensão da personalidade e caracterizam a identidade. A própria cultura não pode ser separada do meio ambiente.

A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar, encarada como herança, um legado a ser preservado, algo que enraíza os sentimentos, uma memória que pode ser tanto individual quanto social e reaparece nas relações pessoais com a simbologia do espaço vivido.

Tais laços de afetividade que ligam o homem, abstrata ou concretamente, ao lugar vivido despertam sentimentos e provocam relatos e referências verbais e/ou escritas de poetas, intelectuais e mesmo cidadãos comuns, os quais buscam evocar a alma dos lugares, captam e descrevem o desempenho dos seres humanos, a fixação aos lugares, o cotidiano, o transcendental, a nostalgia, enfim uma gama ampla de motivos e emoções.

Na Vila do IAPI, lugar totalmente integrado à malha urbana da cidade, percebe-se um ambiente de construções isoladas e de densa vegetação. A permanência de características originais em termos de tipologia arquitetônica e morfologia urbana valeram seu reconhecimento como área de interesse cultural da cidade de Porto Alegre.

Segundo a Secretaria de Planejamento Municipal de Porto Alegre, os espaços verdes da Vila do IAPI correspondem a 9,39% da superfície total, equivalente a 61.370m².

Conforme abordado por Bonduki (1988), o Conjunto Residencial Passo D'Areia foi distribuído em uma área de um pouco mais que 67 hectares e elaborado no conceito urbanístico de *Cidade-Jardim*.

O lugar contempla áreas verdes e de lazer que circundam prédios e casas, recebendo destaque pela abundante vegetação.

A dicotomia no entorno da Vila do IAPI é visível. O urbano mistura-se às áreas verdes. Os moradores circulam em espaços públicos abertos caracterizados pela grande movimentação de pessoas e automóveis como também desfrutam de áreas mais tranquilas inseridas no “centro” da Vila, mais precisamente localizadas nas proximidades do Estádio Alim Pedro.

A natureza mostra um meio nitidamente diferenciado, dividido entre o ambiente da Vila, densamente arborizado, e os “espigões” (foto 16) localizados nas Avenidas Assis Brasil e Plínio Brasil Milano.



Fotos 24 e 25 - Na Vila São Braz, o contraste entre o velho e o novo.

Foto: Letícia Maria Barbosa

A visão que se tem dos edifícios através da Viela São Braz demonstra o dualismo, simbolizando os opostos. Dois momentos refletem a natureza e os aspectos da vida das pessoas que transitam nestes lugares tão próximos e tão distantes ao mesmo tempo.

Segundo Gomes (2001), a paisagem evoca significados a partir dos signos e valores atribuídos. Esses signos assumem amplo espectro de propriedades e escalas numa grande semântica própria.

Na Vila do IAPI o ambiente verde se distribui em campos, praças, canteiros, “vielas”. A presença de crianças nos passeios é quase cotidiana. Percebe-se que o ritmo de vida, que era mais lento no passado, se mistura à turbulência urbana, e, contudo, as crianças ainda estão em contato com o meio físico que lhes proporciona divertimento.

Conforme aborda Fischer (s/d), uma forma de compreender a relação no espaço ocorre a partir da maneira como o homem utiliza um lugar, como o trata afetiva e cognitivamente. Trata-se de um espaço vivido, ou seja, investido por uma experiência sensorio motora, tátil, visual, afetiva e social que produz, através das relações estabelecidas com ele, um conjunto de significações carregadas de valores culturais próprios. A relação do espaço arquitetônico não se reduz às suas propriedades materiais: ei-lo estruturado como uma linguagem que comunica uma mensagem sobre os seus ocupantes, sobre suas funções; um edifício será então apreendido e avaliado como a encenação de uma espécie de biografia social de uma instituição e dos habitantes que o ocupam, do bairro em que se situa.

A harmonia ambiental pode ser observada pelo modo como a paisagem é percebida pelas pessoas que moravam e pelas que moram nesse lugar. As expressões captadas no trabalho de campo pressupõem a presença do aspecto afetivo no cotidiano e nas imagens trazidas do ontem. A valorização do lugar pelo sentimento apoiado nas emoções confirma a *topofilia* nas representações simbólicas, compreendendo a valorização subjetiva do ambiente e do indivíduo.

“(…) tive a opção de voltar para a Vila e não pensei duas vezes (...)” - Roberto Pereira, morador.

O enraizamento de sentimentos, a assimilação e conseqüentemente incorporação da cultura local contribuem para a formação da identidade dos lugares. O sentido de identidade envolve percepção e se apresenta carregado de satisfação, reminiscência e felicidade, como um somatório das dimensões simbólicas ao encarnar as experiências banais e aspirações humanas.

“(...) passei minha infância na Vila do IAPI...diga-se de passagem, maravilhosa, pois só tenho lembranças boas ... fui pra zona sul e depois tive a opção de voltar pra Vila (...)” - Roberto Pereira, morador.

Lugar é uma referência de valores e sentimentos e lembra experiências e aspirações dos seres humanos, por isso é fundamental para sua identidade.

“(...) lembro do fornecimento de gelo, eram entregues as barras embrulhadas em jornal para serem colocadas dentro da geladeira (...) as frutas e verduras eram trazidas por carroças com o ‘verdureiro’ gritando as ‘ofertas’ (...) o leite, pão, a chimia, comprávamos na Cestari ou no Seu Batista (leitaria) (...) as ruas internas eram de paralelepípedo e muito verde em volta, isto ainda tá preservado (...)” – Leigiane Beatriz Barbosa, moradora.

“(...) minha infância foi muito agradável, brincava de carrinho de lomba, regata no campo Alim Pedro, soltava pandorga (...) tinha fogueira na frente de casa na festa de São João (...) retiravam o paralelepípedo e faziam a fogueira (...) jogo de ‘cela’ (pessoa que era pega ficava na cela na parede e jogavam bolinha de tênis e bucha de pano) (...) eu jogava peão e bolinha de gude no pátio, no areão (...)” – Paulo Ubirajara dos Santos Pinto, morador.

Conforme Tuan, a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar, encarada como herança, um legado a ser preservado, algo que enraíza sentimentos, uma memória que pode ser tanto individual quanto social e reaparece nas relações pessoais com a simbologia do espaço vivido.

“(...)como disse antes, só lembranças boas (...) jogar futebol no Alim Pedro, soltar pandorga...lembro, nos finais de tarde, a meninada saía pra jogar taco (...) brincar de polícia e ladrão, brincadeiras que hoje não se vê mais (...)” - Roberto Pereira, morador.

Em relação ao meio ambiente natural e à visão do mundo, Tuan (1980) discute que estes estão estreitamente ligados. A visão do mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo.

Um efeito do meio ambiente que percebe-se estar presente no IAPI é a vegetação. Em cada quadra ou rua, a vegetação está muito próxima dos moradores. Esta visão reforça o oposto que circunda a Vila, parecendo estar dividida entre a densa arborização e os prédios das avenidas Assis Brasil e Plínio Brasil Milano, lugares de intenso movimento urbano.



Foto 26 - Localizada na esquina das avenidas Cristóvão Colombo e Plínio Brasil Milano, a Praça Província de Shiga foi inaugurada em outubro de 1983. As obras foram financiadas pelo governo japonês, celebrando o convênio de estados irmãos entre Rio Grande do Sul e Shiga. A função principal é a de contemplação. A praça conta com um pequeno lago, cascata, quiosque e elementos típicos do paisagismo do Japão.

Fonte: <http://www.pampasonline.com.br>

Na Avenida Plínio Brasil Milano, uma das avenidas mais movimentadas da Vila, está a Praça Província de Shiga. Praça de rara beleza, a Província de Shiga tornou-se

atração da Vila do IAPI, onde a circulação de pessoas se dá principalmente por apresentar uma vegetação rara.



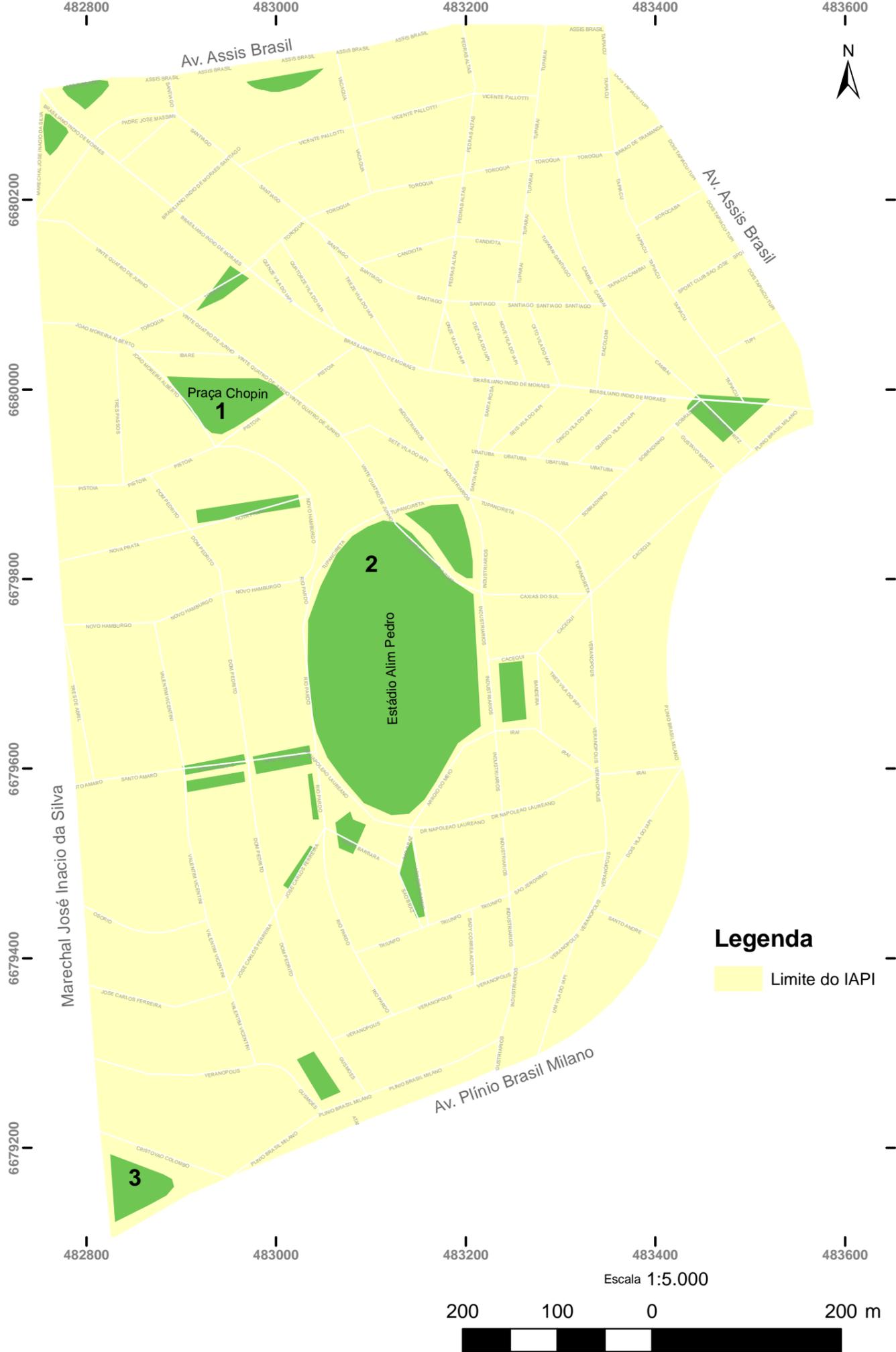
Foto 27 – Largo Elis Regina, localizado na Rua Rio Pardo, onde a cantora morou.

Foto: Letícia Maria Barbosa

O Largo Elis Regina é uma das áreas mais novas. A fim de homenagear a ex-moradora mais ilustre, um pequeno pedaço de área verde foi adotado. Localizada na Rua Rio Pardo, onde a cantora morou, a área deixa intrínseca a história da passagem de Elis pela Vila.

Para Fischer (s/d), um espaço conta sempre uma história: individual e social; diz do grupo ao grupo qual é a sua maneira de viver, de habitar, de trabalhar, de viver socialmente num lugar . A compreensão da relação no espaço como experiência vivida traz um esclarecimento complementar, mostrando que os lugares estão carregados de significados ligados às representações sociais que deles se fazem.

As áreas verdes públicas como o Alim Pedro (fotos 28 e 29), a Praça Chopin (fotos 30 e 31), a Praça Província de Shiga, a Praça dos Gusmões, entre outras, localizadas na Vila do IAPI (mapa 5), ainda são utilizadas para encontro dos moradores da localidade.



Título:
A Topofilia na Vila do IAPI, Bairro Passo D'Areia,
Porto Alegre, RS, Brasil.

Autor:
Leticia Maria Barbosa

Projeção Universal Transversa de Mercator
Datum SAD - Zona 22S
Origem da quilometragem UTM: "Equador e Meridiano
51° W. GR." Acrescidas as constantes: 10.000 km e
500 km, respectivamente.

IAPI - Principais Áreas Verdes
MAPA 5



**Foto 28 – Estádio Alim Pedro, ano de 1953, aproximadamente.
Foto: Nicolau Lenskij**



**Foto 29 – Estádio Alim Pedro, ano de 2007.
Foto – Leticia Maria Barbosa**

Fotos 28 e 29 - Localizado na Avenida dos Industriários, esquina Arroio do Meio, IAPI , o Parque Alim Pedro foi concebido na década de 40, como parte integrante do Projeto de Criação da Vila do IAPI, para ser um grande centro de lazer destinado aos mais variados esportes, tendo como modelo o Estádio Olímpico de Tóquio. (<http://pampasonline.com.br>)



**Foto 30 – Praça Chopin, ano de 1953, aproximadamente.
Foto: Nicolau Lenskij**



**Foto 31 - Praça Chopin, ano de 2007.
Foto: Letícia Maria Barbosa**

Fotos 30 e 31 - Localizada na Rua Pistóia, a Praça Chopin foi construída na época de inauguração da Vila do IAPI.

Deixaram de acontecer os piqueniques nos gramados, mas os torneios de futebol no Estádio Alim Pedro (foto 32) e as brincadeiras dos grupos de crianças são uma constante.



Foto 32 – Estádio Alim Pedro, área de lazer.

Foto: Letícia Maria Barbosa



Moradores e freqüentadores encontram-se para caminhadas e roda de chimarrão. Percebe-se também a existência de grupos distintos que desenvolvem outros tipos de atividades.

As áreas verdes são mantidas pela comunidade, que preserva também a vegetação e as vias públicas, replantando espécies, além de revitalizar locais como o da Praça Chopin (foto 33), por exemplo.



Foto 33 – Praça Chopin, localizada na Rua Pistóia, revitalizada.

Foto: Letícia Maria Barbosa

A praça é lembrada pelos moradores em seus detalhes mínimos.

“(...) existia a vertente que ficava na confluência da Rua Pistóia e da Rua João Moreira Alberto (...) era muito bonito! A água descia entre as pedras(...) havia o caminho beirando o lago (...) tinha girino de montão (...) bons tempos! (...)” - Tânia Lago, ex-moradora.

Neste ano, a Praça Chopin recebeu algumas tartarugas e espécies de peixes. A comunidade chama a atenção da própria comunidade sobre a conservação dos passeios e das áreas verdes.

A idéia de pertencimento devido a laços afetivos profundos torna as pessoas participantes e transformadoras do lugar.

“(...) os carnavais que tinham aqui, fazíamos merenda (...) tenho uma visão assim: parece um sonho (...) olho agora e não acredito que a gente caminhava na rua, era uma coisa diferente, inexplicável (...) como vou te dizer (...) o desfile de Sete de Setembro, aquilo pra mim era tudo (...) o desfile na Industriários, na frente do campo, era coisa mais linda (...) a Vila é muito mais que Elis Regina (...)” – Ana Maria Silveira Soares, moradora.

A presente pesquisa, sob o prisma da Geografia cultural, dá a compreensão de como os indivíduos e os grupos se organizam no espaço, deixando suas impressões, ações e maneiras de viver.

Algumas práticas que organizam os grupos de moradores são repetidas notadamente na Vila do IAPI, como o jogo de bocha aos sábados, o futebol aos domingos e feriados e, há alguns anos, a distribuição de rosas vermelhas pelo “Brasinha”, dono de um comércio de peças automotivas da Vila. Neste dia, um enorme caminhão azul, com alto-falantes, passa pelas ruas do bairro tocando a tradicional música do dia das mães: “Mamãe, mamãe, mamãe, eu te lembro o chinelo na mão, o avental todo sujo de ovo, se eu pudesse eu queria outra vez, mamãe, começar tudo, tudo de novo (...)” - afetivamente, as flores são entregues às famílias, enquanto as crianças correm pelas calçadas a acompanhar o caminhão...a autora desta pesquisa presenciou esta cena que se repete na Vila do IAPI há quase dez anos e voltou às recordações da infância, quando corria, junto com a turma de amigos, atrás do caminhão de frutas na Brasiliano de Moraes, que ainda era de “chão batido”.

A pista de “skate” (foto 34), localizada na Avenida Cristóvão Colombo, próxima à Praça Província de Shiga, é ponto de encontro de jovens e cenário de uma destas práticas que se repete quase que diariamente.

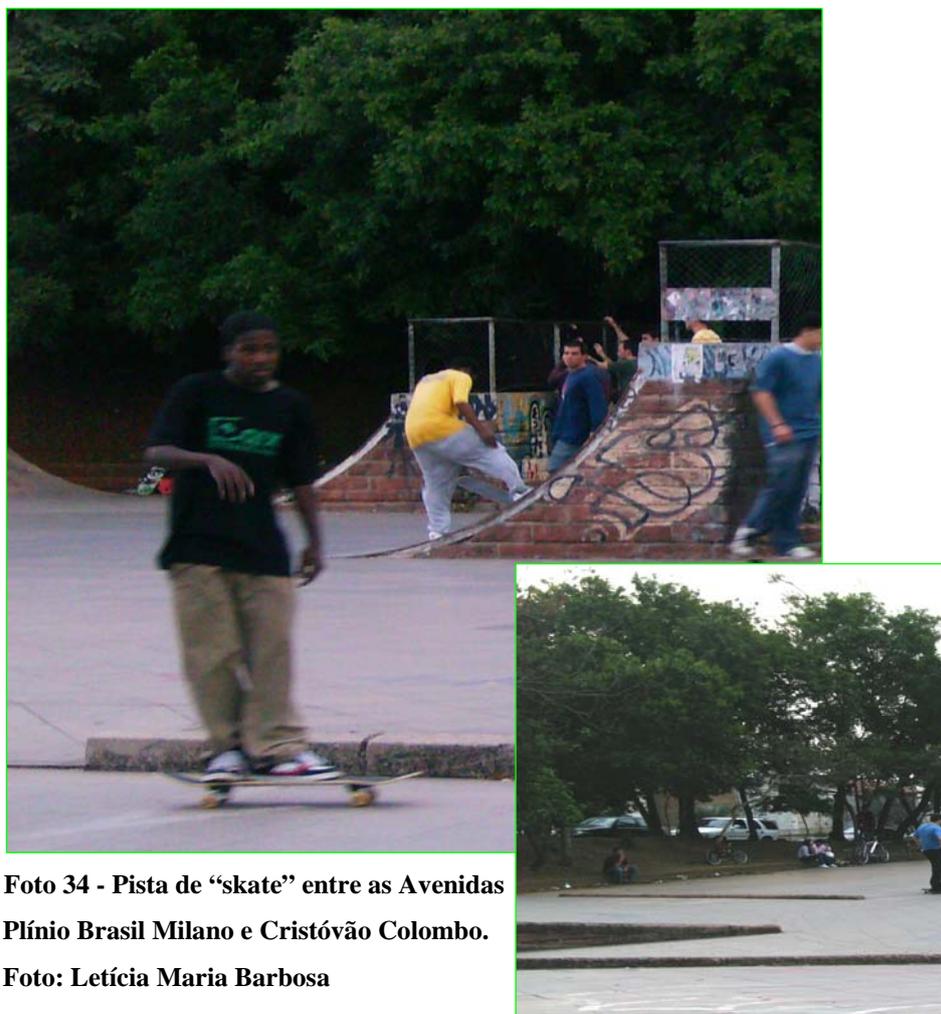


Foto 34 - Pista de “skate” entre as Avenidas Plínio Brasil Milano e Cristóvão Colombo.
Foto: Letícia Maria Barbosa

Ao redor, a vegetação contrasta com o lugar em que o concreto é o palco para os “skatistas” realizarem suas *performances*.

Alguns lugares deixaram de atender somente à comunidade do IAPI, como a Associação de Moradores da Vila dos Industriários (AMОВI). Fundada em 1951, atualmente se destina a bailes da terceira idade e é alugada para festas particulares.

A Igreja Nossa Senhora de Fátima, localizada na Rua Rio Pardo, teve sua construção iniciada em 1950, em madeira, de dois andares, sendo o andar superior destinado à socialização e aulas à comunidade (bordado, crochê). Atualmente, a igreja é

de alvenaria e por ela circulam os freqüentadores e divulgam o trabalho do pároco Romeu Ullrich às moradoras da Vila.

A organização social da Vila do IAPI toma forma afetiva na comunidade na medida em que os movimentos sociais e institucionais são, geralmente, promovidos pela própria comunidade. A favor desta comunidade estão os amplos espaços do parque Alim Pedro, da Biblioteca Pública Romano Reiff, entre outros. Algumas datas comemorativas, como o Dia da Criança, Dia das Mães, a festa de Natal para crianças carentes, encontro de escolas do bairro e encerramento do ano são praticadas nestes lugares.

No projeto original da Vila do IAPI, constava a instalação de um hospital e escolas de ensino médio e fundamental. Tais escolas foram sendo construídas ao longo do tempo. Em 1961, por iniciativa dos pais de crianças excepcionais e com o apoio da Legião Brasileira de Assistência (LBA) e do Governo do Estado, foi inaugurada uma Escola para deficientes mentais da zona norte da cidade.

De acordo com Claval (1999), a vida social baseia-se em organizações hierárquicas institucionalizadas. Ela implica igualmente que os parceiros considerem-se pertencentes a um mesmo conjunto pelo qual cada um se sinta responsável e solidário. Isso toma em alguns casos uma forma afetiva, aquela da comunidade.

Os lugares de lazer e áreas verdes da Vila do IAPI, viabilizados desde a sua construção, geraram paisagens autênticas e possibilitaram a conexão entre as pessoas, o lugar e a natureza. As mudanças ocorridas neste lugar, mesmo sendo ameaçadores à vida social de seus habitantes, estão engessadas pelas lembranças afetivas do passado, influenciadas fortemente pelas imagens ideais construídas pelos moradores.

Neste capítulo são enfocados os hábitos dos moradores nas áreas verdes e de lazer da Vila. A pesquisa mostra alguns hábitos, necessários para ilustrar a topofilia do lugar, e como os habitantes apreendem a afetividade nas áreas de lazer e no convívio. Percebe-se que a identidade com o meio surge da relação com a natureza e que a valorização do espaço estabelece as relações na Vila do IAPI.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho contém a proposta de reflexão sobre as relações topofílicas na comunidade da Vila do IAPI, Bairro Passo D'Areia, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, além de efetivar um estudo das ligações afetivas ontem e hoje com a identificação dos moradores ao lugar.

Os dados coletados, referentes à criação do Conjunto Residencial Passo D'Areia, e os antecedentes históricos que levaram à criação deste conjunto no processo urbanização/industrialização apresentam a qualidade de vida oferecida pelo lugar, na perspectiva dos moradores.

Utilizou-se na pesquisa dados *topofílicos* e um conjunto de conceitos baseados na estrutura de estudos de Yi-fu Tuan, examinando-se a percepção e os valores ambientais em diferentes níveis de grupo e de indivíduos. Cultura e meio ambiente, *topofilia* e meio ambiente mostram como contribuem para a formação de valores.

As mudanças ocorridas transformaram o cotidiano de alguns moradores mas não suas relações com o lugar. Apesar da transformação, a Vila do IAPI, com *status* de bairro, mostra em sua estrutura a resistência de manter fatos culturais que a tornaram histórica, distinguindo-se diferentes tipos de experiências ambientais junto às relações topofílicas.

Os resultados de pesquisas que não têm relações diretas com a topofilia foram omitidos, porque a preocupação principal da dissertação relaciona-se ao indivíduo, à natureza, a atitudes e valores positivos.

Os moradores da Vila do IAPI e as concepções simbólicas destacam entre o grupo de entrevistados que lá é o melhor lugar para se viver. Dado topofílico que, conforme Tuan(1980), neste contexto, espaço e lugar, corporificados a partir das experiências e valores humanos, é um elemento importante no amor pelo lugar. As pessoas continuam com os pés fincados no chão de suas experiências da infância ou de tempos atrás, mesmo após longos anos de afastamento. Longínquo no tempo e, ao mesmo tempo, próximo/interiorizado, o lugar do passado, altamente significativo para o indivíduo ou para os grupos sociais, pode ser desprovido de notoriedade para os outros, entretanto, para a pessoa atada por laços topofílicos ao passado, persiste como símbolo de identificação imorredoura.

Constatou-se a importância da Vila do IAPI como um *lugar da memória e identidade*. Há a manutenção da memória e sentimento de identidade cultural, além da valorização do ambiente pela conservação das paisagens. A preservação das lembranças do passado estão contempladas na vida local da Vila do IAPI. Os indivíduos se identificam com a história local, o cotidiano e as simbologias.

As instituições da Vila estão ligadas à história do lugar. A comunidade não separa da história da Vila os estabelecimentos de ensino, as quitandas, as associações, a igreja e seus seguimentos. Nela estão distintos o velho e o novo, caracterizando a evolução do lugar em termos comerciais e urbanos.

Os veículos circulam nas vias principais de acesso como as Avenidas Assis Brasil e Plínio Brasil Milano e saem do meio arbóreo para as localidades de grandes espigões e *outdoors*; uma grande viagem no tempo. O velho e o novo delimitados pelo anel viário.

A familiaridade e a afeição são percebidas. As pessoas investiram ali parte de sua vida emocional no transcurso do tempo.

Tuan (1980) cita que a familiaridade e a afeição protegem o ser humano das perplexidades do mundo exterior. Assim como algumas pessoas são relutantes em abandonar um velho casaco por um novo, algumas pessoas — especialmente idosas — relutam em abandonar seu velho bairro por outro com casas novas.

A topofilia esta presente na identificação dos moradores com o lugar e no conhecimento pessoal de cada um em relação ao que representa a Vila e a afetividade, plena de lembranças íntimas produzidas pelo meio ambiente natural, que dá sensação de abrigo.

Os moradores estabelecem a relação entre a infância vivida e as praças e áreas verdes do local. Sentem-se apegados, beneficiados e privilegiados por desfrutarem do meio ambiente que a Vila lhes proporciona. Suas visões de mundo estão representadas no simbolismo e nas variantes de experiências pessoais. O apego ao lugar, por ser familiar, pela natureza, por representar o passado e pela localização, é o orgulho dos moradores.

Os moradores reforçam o sentimento topofílico através das experiências que são comuns. A percepção, a atitude e o valor que inferem ao meio ambiente mantêm suas características de visões de mundo muito semelhantes.

Tuan (1980) define que a topofilia assume muitas formas e varia muito de amplitude emocional e intensidade. Certos meios ambientes naturais têm figurado de maneira proeminente nos sonhos da humanidade de um mundo ideal: a floresta, a praia, o vale e a ilha.

Na Vila do IAPI as pessoas percebem-se como comunidade, sendo tal fator um dos contribuintes para a afetividade. As moradias, os encontros casuais entre vizinhos e as mais variadas formas de manifestações desta comunidade expressam sua personalidade e afinidades.

O fato de perceberem a Vila do IAPI não como pertencente ao bairro, mas com vida independente, reforça a cultura do lugar.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Leticia Maria. *Convite para brincar*. Porto Alegre: Fundação de Apoio à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. p. 16-19.

BONDUKI, Nabil. *Origens da habitação social no Brasil. Arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria*. São Paulo: Estação Liberdade, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 1998. p. 132-177

CLAVAL, P. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, L. R. (Org.) *Geografia Cultural, manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999. p. 59-94

CLAVAL, P. *A Geografia cultural*. Tradução Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Pimenta. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1999. 453pp.

CLAVAL, P. O papel da nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, L. R. (Org.) *Geografia Cultural, matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001. p. 35-80

CORRÊA, R.L. Geografia cultural: passado e futuro – uma introdução. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, L. R. (Org.) *Geografia Cultural, manifestações da cultura no espaço Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999. p. 49-56

DEGANI, José Lourenço. *Tradição e modernidade no ciclo dos IAP's. O Conjunto Residencial do Passo D'Areia e os projetos modernistas no contexto da habitação popular dos anos 40 e 50 no Brasil*. 2003. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. 177 f.

DESLANDES, Suely Ferreira. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*.....Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

FAYET, Carlos M. (Coord.) *Vila do IAPI, patrimônio cultural da cidade*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1994.

FISCHER, Gustave-N. *Psicologia social do ambiente. (Perspectivas Ecológicas)*: Instituto Piaget. (199?). p. 23-41

FRÉMONT, A. *A região, espaço vivido*. Coimbra, Portugal: Livraria Almedina, 1980. p. 91-118

GALESI, René; CAMPOS, Candido Malta. *Edifício Japurá: Pioneiro na aplicação do conceito de “unité d’habitation” de Lê Corbusier no Brasil*. <www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq031/bases/03text.asp>. Acesso em 22 set. 2007.

GOMES, E.T.A. Natureza e cultura – representações na paisagem. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, L. R. (Org.) *Geografia Cultural, paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001. p. 49-70.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 2004. p. 67-80.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, L. R. (Org.) *Geografia Cultural, manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999. p.169-188.

HOLZER, Werther. O Lugar na geografia humanista. In: *Revista Território*. V.4, n.7, jul/dez., 1999.

KAERCHER, N. A. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANNI, A.C. (Org.) *Ensino de Geografia, Práticas e Textualização do Cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 135-170.

KRUTER, Marcos. *Vila do IAPI, patrimônio cultural da cidade*. O projeto urbanístico original. Entrevista com o autor realizada pela equipe da pesquisa. Porto Alegre, maio 1994.

LEFEBVRE, Henri. Barrio y vida de barrio. *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Ediciones Península, 1971. p. 195-200.

LEITE, Adriana F. O lugar: duas acepções geográficas. *Anuário do Instituto de Geociências*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 21, 1998. p. 9-20.

MAIA, Sandra. *Escolas de Samba e tribos do carnaval de Porto Alegre*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre/Secretaria Municipal de Cultura, 2001. 154 pp.

MELO, V. M. Paisagem e simbolismo. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, L. R. (Org.) *Geografia Cultural, paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001. p. 29-48.

MELLO, J. B. F. Descortinando e (re)pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan. . In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, L. R. (Org.) *Geografia Cultural, matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001. p.87-102

MENEGAT, Rualdo; PORTO, Maria Luiza; CARRARO, Clóvis Carlos; FERNANDES, Luís Alberto D'Ávila. *Atlas ambiental de Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Universidade/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998. p. 140.

MOREIRA, Ruy. *Para onde vai o pensamento geográfico?: por uma epistemologia crítica*. São Paulo: Contexto, 2006. p.167-184.

NUNES, Marion K.; COUTINHO, Mário Fernandes; ABRÃO, Janete Silveira. *Memória dos Bairros. Vila do IAPI*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 1991. p. 3-55.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib. *Geografia em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2002.<www2.uel.br/revistas/geografia/v13n1eletronica/7.pdf>. Acesso em 10 out. 2007.

OLIVEIRA, Livia de. Percepção da paisagem geográfica: Piaget Gibson e Tuan. In *Geografia editada pela Associação de Geografia Teórica*, v.1. Rio Claro, SP.: AGETEO, 1976. V.25.

REFFATI, Lucimara Vizzotto. *Geografia/educação e apropriação psicossocial dos lugares*. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. 164 f.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 2º Edição. São Paulo: Hucitec, 1997. 392pp.

SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo-EDUSP, 2004. p. 91-108

SILVA JÚNIOR, Otoniel Fernandes. Por uma Geografia do imaginário: percorrendo o labiríntico mundo do imaginário em uma perspectiva geográfica cultural. Universidade Federal de Rondônia, Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário. V.1, n. 3, out/dez. 2001.

SOUZA, Célia Ferraz de; MÜLLER, Dóris Maria. *Porto Alegre e sua evolução urbana*. Porto Alegre: Editora da Universidade/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997. p. 79-99.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987. p. 116-170.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1974. 288 pp.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983. 250 pp.

ANEXOS

Clóvis Malta
(interino)
☎ 3218-4307

Almanaque Gaúco

Túnel do Tempo

O cinquentenário do IAPI

FOTOS: ARNICO DE GASOLIN



O conjunto habitacional, de inspiração parisiense, é berço de artistas famosos

O ano de 2003 marca o cinquentenário da Vila do IAPI, um projeto arquitetônico de Porto Alegre que reflete o movimento das cidades-jardins da Paris do início do século passado. Nessa visão, os conjuntos habitacionais deveriam ter espaço próprio para casas e jardins, com muitas áreas verdes e traçados geométricos.

O presidente Getúlio Vargas, que viu o plano nascer em seu período ditatorial, teve a oportunidade de inaugurá-lo já no seu governo democrático. A sigla, equivalente a Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, remonta à época em que o atual Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) era dividido em



Vargas inaugurou a obra em seu governo democrático

vários órgãos de aposentadoria. Originalmente, a obra era destinada a operários da indústria. Acabou, porém, abrigando funcionários do IAPI e de outros institutos, além de trabalhadores graduados das fábricas – únicos a receberem salários acima do piso exigido.

Meio século depois, o essencial do projeto ainda resiste: ruelas sinuosas, árvores nativas nas calçadas, jardins entre os prédios, recantos bucólicos. Essa pode ser uma explicação para tantos artistas nascidos no local, o mais famoso dos quais é Elis Regina.

Fonte: História Ilustrada de Porto Alegre, Já Editores, 1997

CIDADES

PATRIMÔNIO

Conjunto habitacional IAPI será preservado

□ A prefeitura da Capital instala licitação para as obras que objetivam mudar e restaurar os edifícios construídos há meio século

LIANE FACCIÓ

O melhor conjunto habitacional popular do Estado, a Vila do IAPI, sofrerá uma espécie de cirurgia plástica no ano que vem, quando comemora bodas de prata. O anúncio ganhará um projeto de restauração e preservação para recuperar um pouco das feições perdidas com a maturidade. A remodelação envolve desde retoques pacíficos e superficiais, como a iluminação de ruas, praças e parques, até operações polêmicas e delicadas, como a definição de regras para ampliação de casas e edifícios. A intenção é criar uma lei específica para que se faça cumprir outra lei, a de número 158 de 1987, que inclui o conjunto nas áreas de preservação de Porto Alegre.

O IAPI entrou para a história da habitação popular como uma experiência exemplar porque não se limitou a oferecer quatro paredes aos associados do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, mas iluminação solar satisfatória, ventilação agradável e diferentes modelos e tamanhos de casas e prédios. Esses itens ficaram ameaçados pelas construções e reformas clandestinas que os habitantes realizaram. "Queremos resgatar a qualidade de vida que o conjunto proporcionava", sustenta Orilde Diniz, a arquiteta especialista em restauração e responsável pelo projeto na Prefeitura.

Quatro escritórios apresentaram suas propostas na licitação, feita pela Prefeitura no modelo cartão-convite, e um deles será escolhido até o final do mês. O vencedor deverá sugerir soluções para barrar a descaracterização do traçado original. Entre os problemas que comprometem o traçado original, há detalhes de solução fácil, como toldos esticados sobre portas, grades presas às janelas e puxados originados dos sótãos. Também existem itens de consenso. É o caso das melhorias no Parque Alim Pedro e da despoluição do valão da rua Cambai, um riacho de águas podres e paradas.

TELHAS E JARDINS — O projeto de 1944 foi pródigo em ofertar área verde aos moradores, mas exagerou na humildade e não previu a popularização dos automóveis. A Vila do IAPI não foi desenhada para comportar garagens. Alguns moradores começaram a construir locais para guardar seus automóveis, por conta própria e para despesa de outros vizinhos. "Roubaram o meu jardim", reclama, verbalmente e na Justiça, Gildo Ribeiro Machado, 62 anos de idade



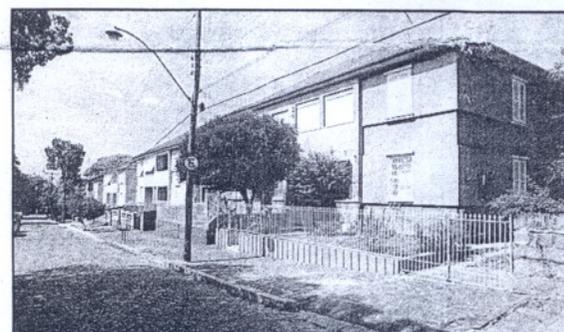
Transformação: crescimento do bairro descaracterizou a tranquilidade original do conjunto



Desordem: construções desrespeitam projeto original



Alteração: garagens tomaram lugar de áreas verdes



Modelo: prédios são o melhor exemplo de moradia de baixa renda

e há 31 no IAPI.

A diretora do Centro Comunitário (Cecovila) Suzana Prestes Oliveira explica que a entidade concorda com a qualificação do conjunto, mas tem restrições aos anseios preservacionistas do município, em especial, no que diz respeito às limitações para novas construções. "O projeto é bonito", elogia ela. "Mas se destina a pessoas que têm necessidades urgentes, como a de construir uma creche."

No próximo sábado, a prefeitura apresentará o programa para a comunidade, em uma festa que começa às 10h. A arquiteta Orilde garante que o projeto será negociado com o Cecovila antes de virar lei e promover demolições, um termo pouco usual no vocabulário do bairro-modelo. "Nunca tivemos uma telha quebrada", ilustra Antônio Felisberto.

Projeto foi idéia de Getúlio Vargas

ANDRÉA DE ALMEIDA

Banco de Dados

Muita gente não sabe que a Vila do IAPI foi registrada oficialmente como Conjunto Residencial Passo D'Areia. O nome popular foi dado pelos moradores. Construído pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, os imóveis inicialmente eram alugados para os empregados da indústria. Mas em 1964, com a criação do BNH (Banco Nacional de Habitação), os locatários passaram a ser

proprietários.

Idealizado por Getúlio Vargas, teve sua pedra fundamental lançada em 1946, quando a meta principal era a construção de um conjunto com altas condições de salubridade. O projeto ajudou a desenvolver a Zona Norte de Porto Alegre. A obra possui áreas verdes, escolas e um campo esportivo — o Estádio Alim Pedro.

Há cerca de dois anos, a história da Vila foi contada no segundo livro da série "Memória dos Bairros", um trabalho realizado pela Secretaria Municipal de Cultura.

Na vila operária pulsava o rock

JUÁREZ FONSECA

Aqueles blocos residenciais amarelados formavam um estranho conjunto. Estranho para quem não morava no IAPI. A garotada também era diferente, parecia barra pesada para o turista accidental. Impressiona falsa. Naquela época, meados dos anos 60, os jovens dos outros bairros de Porto Alegre não andavam tanto pelas ruas feito os jovens do IAPI. Mas o IAPI não era um bairro, era uma vila, como lembra o baterista Edinho Spindola, das duas bandas de rock que mais simbolizaram o lugar, Liverpool e Bixo da Seda.

Quando cresceu e virou bairro, perdeu a magia.

Havia muita magia e muito rock and roll. No IAPI os hippies chegaram antes. Os bandos de cabedulos andavam de lá para cá, ficavam nas praças e nos bancos dos blocos. O IAPI não tinha barzinhos, não era boêmio. Vila operária, tinha noites quietas e raros automóveis. Os apartamentos eram pequenos. A garotada esticava as pernas na rua, todos se conheciam, ninguém tinha dinheiro. A felicidade vinha aos sábados, no cheiro do churrasco e no som das guitarras que parecia sair de cada uma das janelas. Onde sobrava um dinheirinho, materializava-se

uma Giannini.

Os prédios não tinham garagens, ensaiava-se na sala da coroa. Quem tivesse uma vitrola, certamente tinha pelo menos um disco dos Rolling Stones. O IAPI era Rolling Stones, Beatles seria talvez o Menino Deus. E para a garotada do IAPI, o Menino Deus ficava do outro lado do mundo. Ninguém tinha o hábito de sair da vila. A filha mais ilustre do IAPI, Elis Regina, saiu antes dessa época mitológica. Mas as bandas de rock quase todas morreram lá mesmo, nas salas com flores de plástico sobre a mesa, emudecendo as janelas em que as pacientes mães penduravam toalhas e sutiãs.

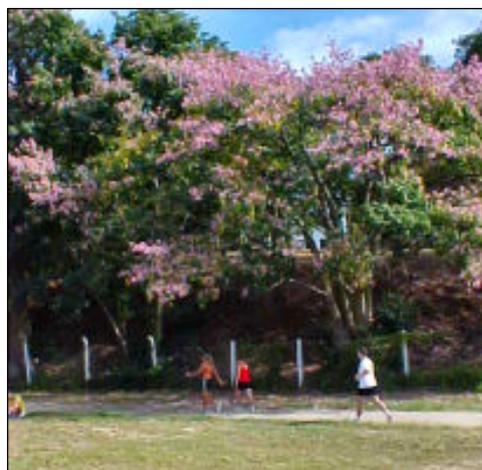
NA ATUALIDADE A VILA DO IAPI AINDA É NOTÍCIA

[http:// www.portoalegre.rs.gov.br/sme](http://www.portoalegre.rs.gov.br/sme)

PARQUE ALIM PEDRO 2006

ESPORTE E LAZER NUM PARQUE PRIVILEGIADO PELA NATUREZA

Caminhar, tomar um chimarrão, encontrar amigos nos diversos grupos de atividades de esporte e recreação do Parque Alim Pedro são momentos também de contato com uma natureza pródiga.



Localizado na Av. Industriários, esq. Arroio do Meio, IAPI , o Pq. Alim Pedro foi concebido na década de 40, como parte integrante do Projeto de Criação da Vila do IAPI, para ser um grande centro de lazer destinado aos mais variados esportes, tendo como modelo o Estádio Olímpico de Tóquio.

O Pq. Alim Pedro possui 45.000 m² e possui os seguintes espaços e equipamentos:

- campo de futebol
- pista de caminhadas
- 2 quadras poliesportivas
- 2 canchas de bocha
- módulo administrativo
- vestiários

- sala multiuso
- vasta área verde arborizada.



Eventos tradicionais:

- Jogando e Brincando no Parque
- Criançando
- Festival Esportivo e Recreativo para PPDs
- Copa Noroeste de Futebol pré- Mirim e Mirim
- Encontro de Ginástica

Venha curtir a beleza do Pq. Alim Pedro: lazer, esporte e natureza para fazerem a vida da comunidade mais alegre.



V FESTIVAL ESPORTIVO E RECREATIVO PARA PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS 2006

Na tarde ensolarada do dia 22 de agosto, o campo de futebol do Parque Alim Pedro se transformou num grande parque de diversões. Mais de 500 crianças, adolescentes e jovens se divertiram nas diversas atrações oferecidas:



O Evento foi uma realização das equipes de professores e estagiários das Unidades Recreativas PARQUE ALIM PEDRO e CECOFLOR (Centro Comunitário Bairro Floresta), Equipe de funcionários da Manutenção da SME mas fundamentalmente com a colaboração de voluntários da Comunidade - mães, pais e alunos de diversos grupos das atividades sistemáticas da SME.



O Evento teve como principal objetivo a integração de diversos segmentos da comunidade na promoção de um ambiente rico em estímulos e opções de atividades, tendo na alegria, carinho e sobretudo, na solidariedade uma marca para ser lembrada - a possibilidade de expressarmos o que de mais humano existe em cada um de nós.



XI ENCONTRO DE GINÁSTICA 2006



Na sua XI edição, o Encontro de Ginástica reafirmou o compromisso da equipe de profissionais do Pq. Alim Pedro de levar informação, atividade física qualificada e lazer para a comunidade, que compareceu em massa na noite de 07 dezembro de 2006.

LOCAL: Sede da AMOVI

TEMA: *"ALIMENTAÇÃO EQUILIBRADA E EXERCÍCIO FÍSICO REGULAR: BASES DE UM ESTILO DE VIDA SAUDÁVEL"*

PALESTRANTES: Dra. Estela Ramos (Nutricionista) e Prof. Ismael Bacellar (Educador Físico)



VOLEIBOL PARA TODAS AS IDADES

Educação para a solidariedade, para a paz, para o desenvolvimento de valores humanos é a essência do trabalho de iniciação esportiva no Pq. Alim Pedro.



Participando de vários campeonatos, torneios, realizando amistosos ou em eventos recreativos, as diversas equipes aprofundam conhecimento no segundo esporte mais jogado do Brasil, sem perder jamais a alegria do convívio social.



FOGAÇA DEFENDE REVITALIZAÇÃO DE ÁREA DE LAZER NA VILA IAPI

Em reunião na Associação de Moradores da Vila IAPI (Amovi), o prefeito José Fogaça anunciou ontem medidas para revitalizar a Praça Alim Pedro e defendeu ações da comunidade junto à Prefeitura para solucionar questões como calçamento, segurança e infra-estrutura. O encontro teve a participação de secretários municipais e lideranças comunitárias.

Entre as reivindicações encaminhadas estão a remodelação e o cercamento da cancha principal, revisão da rede elétrica, ampliação do espaço para atividades comunitárias, calçamento no entorno do parque, vigilância e preservação ambiental.

Fogaça ressaltou a disposição da Prefeitura em atender as demandas e afirmou a necessidade de mobilização da comunidade na busca de recursos alternativos para solucionar as questões. "A Prefeitura assume o compromisso de resolver os problemas mesmo sem recursos do orçamento. Vamos fazer na medida em que a comunidade apoiar nossos esforços e se unir a eles", disse.



Fogaça entre Elói Guimarães e a professora Solange Furlanetto, uma das lideranças da comunidade.

Conforme Fogaça, será formado um grupo de trabalho com representantes da administração municipal e da comunidade, consolidando o programa de Governança

Solidária Local no bairro. Nos próximos dias, haverá nova reunião com a participação de técnicos da Prefeitura para elaborar o projeto de revitalização da área. Mutirões para conservação e limpeza da praça serão efetuados, assim como ações de educação ambiental e regularização dos pontos de iluminação. A partir de março, a comunidade poderá contar com um zelador de praça e a ampliação do trabalho da Guarda Municipal, que desde outubro faz rondas periódicas na praça. "É uma das praças mais tradicionais de Porto Alegre e é necessária uma ação solidária e conjunta", concluiu o prefeito.

Além de lideranças da comunidade, participaram do encontro os secretários municipais de Coordenação Política e Governança Local, César Busatto, do Meio Ambiente, Beto Moesch, de Segurança Urbana e Direitos Humanos, Kevin Krieger, de Obras e Viação, Cassiá Carpes, o adjunto de Esportes, Recreação e Lazer, Luiz Cunha Martins, e o presidente da Câmara de Vereadores, Elói Guimarães.

Criada na década de 50, período em que foi fundada a Amovi, a Praça Alim Pedro é administrada pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Smam) e pela Secretaria Municipal de Recreação, Esporte e Lazer (Sme), que oferece atividades esportivas e de lazer à comunidade. No espaço, são promovidas ações como o programa de orientação de caminhadas, bocha, aulas de ginástica, dança e escolinhas esportivas.

MUTIRÃO REVITALIZA ESTÁDIO ALIM PEDRO

A comunidade da Vila IAPI participou, quarta-feira, de um mutirão de revitalização realizado no Estádio Alim Pedro. Uma série de melhorias foi implantada na área pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Smam), que organizou a atividade. O recanto infantil foi remodelado e pintado, a área dos equipamentos de esportes e os passeios foram recuperados, a pista recebeu saibro. Cerca de 40 usuários acompanharam, pela manhã, a posse dos 35 membros do Conselho de Praça, que passa a auxiliar a Prefeitura no gerenciamento do espaço público. Localizado na Avenida dos Industriários (Bairro Passo D'Areia), o Alim Pedro tem 45 mil metros quadrados de área, oferecendo aos frequentadores um campo de futebol, uma cancha de bocha e duas de vôlei.

ASSOCIAÇÕES DE BOCHA

Os moradores **de bairro e vilas** de Porto Alegre criaram suas associações de Bocha: Associação Comunitária dos Moradores do Bairro Anchieta – ACOMBA (1980); Associação dos Profissionais em Telecomunicação e Tecnologia da Informação

– ASTTI (1980); Meninos da Bocha – **Parque Alim Pedro (1983)**; Associação dos Amigos da Praça Franck Long – Franck Long (1987); Associação de Bocha Marechal Mesquita – Marechal Mesquita (1987); e Centro Comunitário Vila Floresta – CECOFLOR (1988) (dados fornecidos pela SME/PMPA, 2003). Além do expressivo número de atletas filiados havia, aproximadamente, 15.000 praticantes de Bocha, como atividade de lazer no Estado do Rio Grande do Sul (Steiger, 1987, p. 112)

NO IAPI A LINHA DO TEMPO NÃO CONHECE FRONTEIRAS 2005

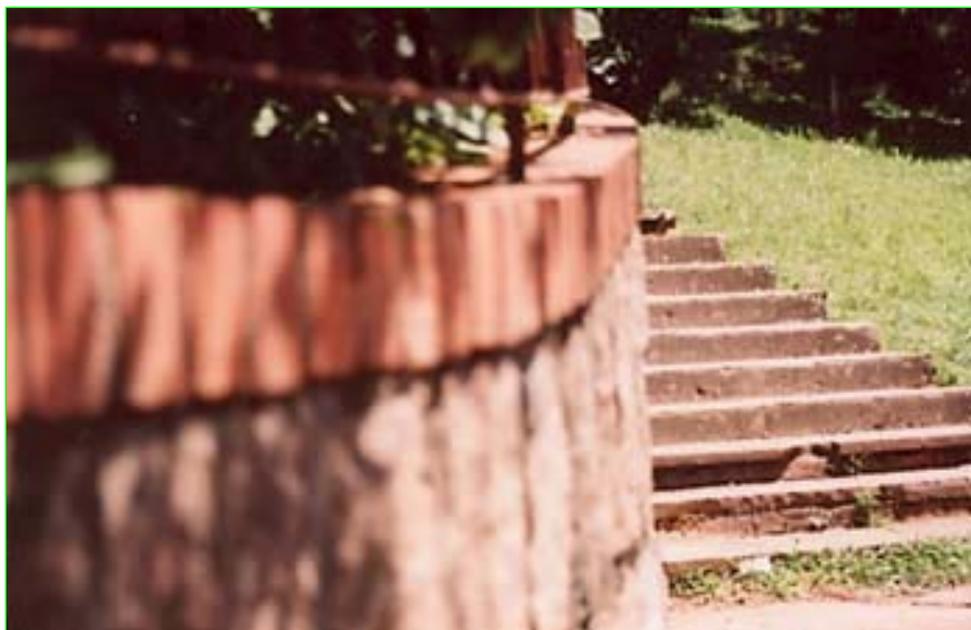
<http://www.transportinho.com.br>



Criada para resolver os problemas de habitação decorrentes da rápida industrialização da Zona Norte da Capital a partir dos anos 30 e construída pelo extinto Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, a Vila do IAPI ainda hoje conserva ares de lugarejo do interior, com ruelas arborizadas, casas ajardinadas e seus moradores proseando pelas calçadas.

Era sob os galhos da frondosa figueira localizada no início da rua Rio Pardo que brincavam os filhos dos agricultores residentes nas chácaras onde, na década de 40, começou a ser construído o Conjunto Habitacional Passo D'Areia. Foi também junto à árvore bicentenária do Condomínio da Figueira que, anos mais tarde, Elis Regina, a mais célebre personagem do IAPI, cresceu brincando de "rei e rainha" e "pega-ladrão". Nos caminhos daquele que foi o primeiro conjunto residencial de Porto Alegre, de quando em quando ouvem-se as músicas cantadas por Elis. Marisa Ramos, amiga de

infância da artista, afirma que ela nunca esqueceu do lugar onde foi menina: "Sempre que fazia um show em Porto Alegre, dava um pulo aqui".

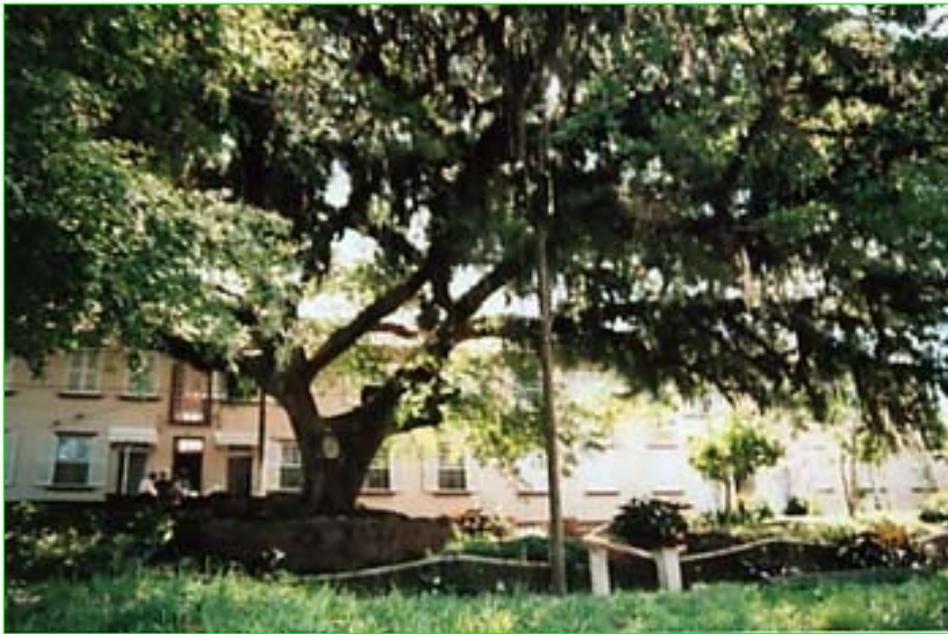


O baterista Edinho Espíndola, da banda Liverpool, considerada uma das primeiras bandas de rock de Porto Alegre e transformada em Bixo-da-Seda em 1973, não concordou que seus pais vendessem a casa naquele bairro pois é para lá que ele sempre acaba voltando. Talvez seja porque o projeto de construção do conjunto residencial tenha sido orientado pelo conceito urbanístico conhecido como Cidade Jardim, o qual prevê um equilíbrio entre espaços construídos e ambiente natural, o que confere ao local uma beleza ímpar.

Além da harmonia das 2.553 moradias projetadas para receberem iluminação solar direta e terem aberturas de janelas voltadas para espaços abertos, o IAPI é dotado de muitos recantos, praças, escadarias e jardins. José Carlos Figueiró, que lá vive há 47 anos, orgulha-se desta característica da Vila: "Aqui, a natureza é farta. Existem várias pracinhas espalhadas pelo conjunto. Na Praça Chopin, mais conhecida como Praça do Laguinho, tem até peixe e tartaruga". Jacarandás, tipuanas e cinamomos debruçam-se sobre as ruas da Vila, que ficam tomadas pelo colorido de suas flores em determinadas épocas do ano.

Eram essas mesmas árvores que separavam os jardins privados das áreas públicas, o que hoje, por motivo de segurança, já não é mais assim. Edinho Espíndola recorda com nostalgia que o IAPI da sua infância era cheio de becos e atalhos,

atualmente fechados pelas cercas e muros. "A gente conseguia dar toda a volta no prédio brincando de 'arquim', uma pequena roda girando no solo apoiada com uma varinha. Agora não é mais possível circundar os prédios porque muitos moradores fecharam seus pátios". Diante de todas essas lembranças da infância, Edinho acrescenta, ainda, que essa era uma época em que sonhava ser motorista da empresa Bianchi, ônibus verde e amarelo que atendia a região na década de 60, juntamente com as linhas da empresa Rodrigues.



Embora algumas ruas, como a Vicente Palotti, tenham sido muito descaracterizadas, apresentando moradias que nada tem a ver com o resto do conjunto, em outras o tempo parece ter parado. Segundo uma das primeiras moradoras da rua Veranópolis, Carola Scopinsky, 75 anos, "as casas daqui ainda são iguais, postes também e até árvores são as mesmas." A diferença, segundo ela, "é que agora tem telefone e tv a cabo". Os passageiros da linha 608-IAPI, no sentido bairro/centro podem, ao mesmo tempo em que apreciam a paisagem, ver Dona Carola, nos fins de tarde, tomando chimarrão com os vizinhos, velhos conhecidos, na calçada à frente de casa.

Hoje, além dessa linha operada pela empresa Sopal desde 1979, passam pela estação IAPI, na avenida Brasiliano Índio de Moraes, aproximadamente 90 linhas do Conorte. Essa grande oferta de ônibus é, para Carola Scopinsky, o que há de melhor no sistema de transporte coletivo da região. "A gente pode ir pra tudo que é lado", diz ela.

As crianças do IAPI também não perderam a capacidade de inventar brincadeiras. Além de esconde-esconde e pega-pega, a nova geração do Condomínio da Figueira passa as tardinhas jogando "pacamô" (uma variação do esconde-esconde, em que o grupo é dividido em dois, todos se escondem e uns ficam procurando os outros), sob o olhar dos pais que ficam chamarreando por perto.

Essa convivência com os amigos no pátio à frente de casa é, para Fernanda Lopes Leonardi, 9 anos, o que há de melhor em se viver no IAPI. Sob a figueira, os moradores do condomínio costumam organizar festas coletivas em várias ocasiões do ano. De acordo com Bianca Costabile Rachadelis, 9 anos, "todo mundo ajuda e participa, mas as idéias das festas sempre são das crianças". São elas que também se organizam para recolher os cacos de vidro e outros resíduos deixados no Parque Alim Pedro, à frente de sua casa. Conta LÍndice Lopes Leonardi, 11 anos, que, além de ajudar a cuidar do espaço, nos últimos tempos, elas também arrecadaram roupas e alimentos para doar a um sem-teto, que teve sua casa queimada e que está "alojado" no interior do parque.

A proximidade da escola faz com que essas crianças não necessitem deslocar-se diariamente de ônibus. Mesmo assim, Bianca tem uma opinião a respeito: "O bom, é que o ônibus passa bem na frente da nossa casa". Ao que seu irmão caçula, Pedro, acrescenta: "E passa também um carrinho de churros e de sorvetes".



O Parque Alim Pedro, localizado na avenida dos Industriários, oferece, além das áreas verdes, pista para caminhadas, quadras poliesportivas, canchas de bocha e campo de futebol. Ao longo do ano, a Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME) realiza uma série de atividades no complexo esportivo.